

---

A.B.M.CADAXA

---

# TEU CORPO É OURO SÓ

*Ritos de Iniciação Vodú*



EDITORA  
NOVA FRONTEIRA  
/ PRO-MEMÓRIA  
INSTITUTO NACIONAL  
DO LIVRO

Ilustrações a bico de pena e colagens por Maria Cadaxa

Maria Cadaxa estudou desenho, pintura, escultura e *design* em Miami e em Washington, D.C. Participou, a convite, de ateliês de artistas plásticos em diversos países do Caribe. No Brasil, estudou gravura com Rossini Perez e Lêda Watson. É diplomada em Antropologia pela Universidade de Brasília.

A.B.M.C., diplomata de carreira, há 20 anos faz parte do corpo de editores da revista inglesa de poesia *Envoi*. Publicou sete livros de poesia — cinco na Inglaterra e dois no Haiti — e tem contribuído com poemas para revistas da Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Grécia, dentre as quais *Breakthru*, *Envoi*, *Expression*, *Orbis*, *Outposts*, *Scrip*, *S.H.Y.* e *Workshop*. Suas traduções de poetas brasileiros para a língua inglesa apareceram em revistas como *Contemporary Poetry in Translation*, *Oasis*, *Orbis* e *S.H.Y.*

A.B.M. CADAXA

**TEU CORPO  
É OURO SÓ**  
Ritos de iniciação vodú

Em convênio com o  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

Handwritten signature and initials.

© 1985, by A. B. Mendes Cadaxa

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A.  
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP: 22.461 — Tel.: 286-7822  
Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 — ENFS BR  
Rio de Janeiro, RJ

Revisão tipográfica:  
HENRIQUE TARNAPOLSKY  
ALAIDE BORBA BAPTISTA  
RICARDO LUIZ POTSCH

C121t Cadaxa, A. B. Mendes  
Teu corpo é ouro só : ritos de iniciação vodu / A. B. M. Cadaxa — Rio de Janeiro : Nova Fronteira ; Brasília : INL, 1985.  
(Caminhos do desconhecido)

Bibliografia.

1. Vodu I. Instituto Nacional do Livro II. Título III. Série

85-0826

CDD — 299.67

## SUMÁRIO

- Prefácio, 13  
Introdução, 31  
Homenagem ao tambor, 39

### *FALA O INICIADO*

- I. Djévo, 45  
II. Escuta, 53  
III. Onde estás?, 59  
IV. Invocação, 65  
V. Transe, 71

### *BOULÉ-ZIN*

- VI. Dia, 81  
VII. Noite, 87  
VIII. Os tambores, 95  
IX. A prova, 101  
X. Descida dos orixás, 107  
XI. A dança dos orixás, 113  
XII. Mistério, 121  
XIII. A saída dos iniciados, 125

Notas sobre as ilustrações, 129

Ilustrações, 133

Glossário, 143

Bibliografia, 167

SUMÁRIO

Prefácio, 13  
Introdução, 31  
Homologam no tempo, 39

PARTE I INÍCIO

I. Exo, 47  
II. Exo, 51  
III. Oito exo, 55  
IV. Invoção, 63  
V. Trans, 71

BOLE XIV

VI. Dia, 81  
VII. Nota, 87  
VIII. Os tempos, 97  
IX. A prova, 101  
X. Decida dos estratos, 105  
XI. A data dos exo, 111  
XII. Mistério, 121  
XIII. A vida dos tempos, 131

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPA — *Maitresse* Erzulie, a Deusa do Amor

- I. Mapa do Haiti e de Lan Guinin
- II. *Vèvè* dos tambores
- III. O universo vodu
- IV. *Vèvè* de Ayizan Velequetê
- V. Coração de Erzulie
- VI. Melodia de Erzulie
- VII. Invocação
- VIII. *Assen*
- IX. *Vèvè* do *Boulé-Zin*
- X. Os deuses-serpente
- XI. Legba-Atibon, Guardião dos Portais
- XII. Tambores Radá
- XIII. Erzulie-Fréda-Dahomey
- XIV. *Milo-Can*, *vèvè* de vários *loa*
- XV. Erzulie, Rainha do Céu e da Terra
- XVI. Mistérios
- XVII. Ayizan, Protetora dos Noviços

CONTRACAPA — Grand-Bois-Ilet

*Erzulie-Fredá passeia pela assistência, sestrosa, sorrindo para os homens, os olhos cheios de ternura. Passa pelas mulheres com ar debochado e superior: são umas descaradas que lhe roubam os maridos, pois ela é a mulher de todos os homens.*

*LOUIS MAXIMILIEN*





## A ERZULIE

### Esses negros tão deuses

“Verdadeiros ou falsos, e em algum sentido todos são verdadeiros, os santos são percebidos através do amor, da esperança ou do medo que eles inspiram. Talvez até mesmo do desejo, em um mundo onde a união entre os humanos e as pessoas divinas foi acreditada como possível e mesmo freqüente, no começo dos tempos.”

(Marguerite Yourcenar, prefácio de *La couronne et la lyre: poèmes traduits du grec*. Paris, Gallimard, 1979)

Que essas palavras fossem ditas a respeito dos homens e dos deuses e espíritos das crenças primitivas que remetem o olhar do branco a povos indígenas e negros, e todas as coisas estariam no lugar. Se é como “eles” crêem, então tudo é natural, mesmo que o assunto da crença seja um modo de pensar e amar o sagrado. Mas a alguns assustaria saber que isso foi dito — e quantas vezes e de tantas maneiras — a respeito da religião dos povos gregos, pais de nossa lúcida lógica ocidental. De nosso espírito, portanto.

Mas que isso espante justamente apenas aos pobres de espírito. Afinal, agora mesmo entre nós, homens ocidentais que espreitam, com poderes que são a glória e o terror de sua cultura, a aurora próxima do terceiro milênio, não estará acontecendo por toda parte um indispensável renascimento da vontade coletiva de crer e experimentar fronteiras do sagrado, desde onde outros deuses e

espíritos outra vez sejam próximos, humanamente afetivos e, se possível, desejosos de estreitar com os humanos a freqüência e a qualidade dos contatos entre corpos e almas? Descobrir e tomar posse dos segredos do domínio ou pelo menos da aproximação de/a poderes celestiais ou de onde quer que venham, desde que possam ser acreditados e vividos. Algo semelhante àquilo que os inumeráveis devotos das religiões de possessão — cujas origens africanas entre nós, latino-americanos de Cuba, do Haiti, da Colômbia e do Brasil, são ainda hoje tão intensas — se acreditam realizando à noite, em qualquer parte, sob o som de cantos e tamborres. Acreditam apenas? Muito mais, porque à força da crença associam a do desejo que sentem realizado. Aquilo que uns entre os outros se vêem coletivamente realizando. O sagrado vem de onde habita e possui o corpo daquele cujo coração o quer habitar. Deus é quem tem quem o queira adorar.

No Haiti, minha pátria, quando noite adentro os negros procuram afogar suas mágoas na embriaguez estonteante do Rará, é também o tambor que acende nos peitos o fogo divino, e à sua cadência mágica os corpos ondulam e se contorcem num anseio de vitória sobre a fome, o medo, a desesperança.

Ei-la que vem para dançar: uma mulher, um espírito, um orixá, uma deusa de longe, de que outro lado do oceano? Ela que se apossa do corpo de homens para representar no palco deles, no cenário do lugar do culto, a sua própria pessoa. Espíritos que habitam ao mesmo tempo o espaço, os lugares da natureza e o corpo dos crentes, os deuses são carnais e, divinos, são entusiasmadamente humanos: amam e desejam, pecam, barganham. Vivem. Aquele que foi iniciado e passou pelas provas merece ser o veículo com que Erzulie, a desejada, vem conviver com os homens na Terra as suas aventuras de mulher e orixá.

Flutuando, vestida de organza  
Erzulie, a Vênus vodú  
entra fazendo a maior sensação  
Procura o marido, Ogum Badagris  
dá umas voltas a ele enlaçada  
o larga em seguida  
Percorre o terreiro

para os homens tem doces palavras  
piscares de olhos, longos abraços  
às mulheres mostra, acintosamente  
dois dedos em V, cobertos de anéis

Eis que outros deuses chegaram e chegam para dançar. Felizes os povos cujos deuses dançam mais e julgam menos. Um a um, o transe conduz os iniciados à mística na pessoa de um orixá: Papá Elegbá, Ayizan Velequetê, Lokô, Azaká, Elegbá Atibon, Damballah, o pai de todos. Mais próximos de nossa umbanda do que de nosso candomblé, os seres que descem e bailam no corpo dos homens e mulheres, seus filhos, seus fiéis, os fazem não apenas tremer e bailar cada um os gestos rituais do símbolo de seu espírito, mas fazer as vezes da pessoa e dos desejos, não raro das manhas e manias do orixá. Ei-los que vêm, entre os pobres, representar, ora solenes e grandiosos, ora grotescos e safados, a experiência do teatro de sua própria identidade. Entre eles e mais do que todos, Erzulie, uma deusa Vênus negra cuja história de amor e iniciação em um dos devotos faz deste poema, que leva o seu nome, uma celebração envolvente do sagrado como poesia.

Então, esses corpos negros, luzentes do óleo do suor que depois de alguns momentos de uma dança e teatro entre pessoas e deuses a máquina do corpo faz escorrer pelos braços e ombros, pelo rosto que, segundo aquele que possui o espírito do homem, toma expressões de um doce alheamento das coisas terrenas ou, ao contrário, de uma furiosa sensualidade, pelo torso, pelas pernas. Esculturas vivas, volantes, machos e fêmeas de uma cor escura que a luz das velas movimenta entre o rito do sonho e o do real. E eles brilham, brilham e reluzem vestidos de panos pobres, mas como sacerdotes, também por causa dos azeites e perfumes que os preceitos rituais dos cultos dos negros fazem vestir os corpos que o sagrado habitará, antes da investidura das roupas que identificam, entre cores e colares, a morada de cada orixá. Não menos do que isto: a habitação momentânea de um ser divinizado que vem à Terra dançar e dizer aos que dançam e assistem quem ele é.

Homens e mulheres, aqueles mesmos que alguns minutos antes chegavam um a um, humildes, e se cumprimentavam como irmãos e pobres e, agora, embriagados, sagrados, soltos, potros que uma deusa monta, dançam ao som de tambores e cantilenas que falam e repetem em sucessões de solos e coros: o apelo, a surpre-

sa, o êxtase e o segredo, a alegria e a comunhão entre os homens através dos espíritos do mundo. O delírio absolutamente individual e solenemente solidário, coletivo, em que a força e a beleza de um modo primitivamente selvagem de sagrado realiza-se como canto e dança no terreiro e no corpo. Frágil fronteira em que um misterioso encontro entre o humano e o celestial pode ser ao mesmo tempo tão humanamente ético e tão divinamente sensual. Cantar, dançar, orar. Vem, deus, e abre para mim a porta de teu ser!

Elegbá Atibon, abre a porteira pra mim  
Papá Elegbá, levanta a barreira pra mim  
Para que eu possa passar  
Saudarei os deuses logo que voltar  
Elegbá Vodou, abre a porteira pra mim  
Para que eu possa entrar  
Agradecerei aos deuses logo que voltar  
Abobô! Abobô! Abobô!

É preciso vê-los de perto, nós, filhos de cultos rígidos cuja ética obriga o fiel a um corpo estático, fora do êxtase, cabeças baixas, os olhos cerrados e um pensar de orações de fé cuja lenta repetição domine forças e assombros do coração, para que o só murmurar dos lábios contritos repita sem tropeços uma litania sabida, preceito de reza, súplica que, como o orvalho, nunca como a tempestade, chegue a um deus de quem se diz que está tão próximo que exige a imobilidade absoluta do corpo e um distanciamento que em tudo opõe o homem ao divino, para parecer que ele o habita no seu coração silencioso. Um deus longínquo que, tal como o raio distante de uma estrela, precisa ser buscado com silêncios e devoções de astrônomo. E para que o poder do silêncio sugira ao devoto habitar um deus verdadeiro, é preciso a demora de uma disciplina de corpo e alma que cale as emoções, menos as do desejo da quietude. Mas aqui, entre negros do vodou, é também entre fúrias de corpos que os deuses dançantes se apossam do corpo do fiel e o fazem dançar.

As peles dos atabaques  
estão prestes a rebentar  
quando

um orixá dos mais poderosos  
baixa  
entrando pela cabeça de um rapaz  
moço forte, camisa rubra  
que avança  
frente abaixada  
boca espumando  
tição ardente  
pegando fogo  
cria baderna  
faz confusão  
há gente caindo  
pelas cadeiras  
se espalhando  
se pondo a salvo  
do valentão

Para que os seres amados e temidos dos mares, matas, morros e cascatas de nosso mundo e de outros possuam o coração e o corpo de um devoto, é preciso que depois de uma longa e difícil iniciação, que purifica o corpo e ensina segredos em uma rara língua antiga, ele baile uma entrega frenética ao ritmo de tambores cuja música tem o poder de atrair os espíritos e dizer quem eles são. Possuído, para conter não apenas o poder, mas a identidade de seu deus, o devoto, mais do que imitá-lo, quer se fazer como ele. Por isso os deuses do vodu dançam e são assim. Furiosa e disciplinadamente, os devotos dançam *para* os deuses em que crêem e depois dançam e representam *com* e *como* os deuses em que se transformam.

Aos olhos de quem nada conhece do que vê, tudo parece uma algazarra depravada. Acaso não é assim que o branco civilizado compreende quase tudo o que não desvenda do que fazem índios e negros? Pois ele não sabe que, por debaixo da alegre e quase debochada algazarra do culto, tudo é a ordem de um saber milenar onde, segundo a crença de quem toca, canta e dança, as incontáveis confrarias de devotos fazem de suas danças ao ritmo de tambores a oração que convoca o deus a se incorporar ao corpo de um humano que, por momentos, aprisiona no ventre o sagrado e o dá a conhecer.

Murmurando  
quase em segredo  
como que a medo  
Boulah começa  
a sussurrar  
marulho apenas  
que o espelho d'água  
vem perturbar  
Ganha coragem  
vai se soltando  
vai num crescendo  
se encrespando  
se sobrepondo  
À zoadá surda  
— pano de fundo —  
da multidão

Second recolhe  
uma nota solta  
parte-a em duas  
cada metade  
ameaçando  
subir sozinha  
pauta acima  
se escapulir  
Dedos ligeiros  
as recuperam  
acompanhadas  
de duas outras  
arreatadas  
em pleno ar  
Os dois tambores  
dialogam  
num desafio  
cada motivo  
é respondido  
sem hesitar  
Rimas que estalam  
inesperadas  
são devolvidas

bem trabalhadas  
sem desafino  
Vão adiante  
como sozinhas  
naquele mundo  
feito de som  
até Manman  
o tambor maior  
entrar na liça  
com nota alta  
que reverbera  
ricocheteia  
e vai vibrando  
varrendo tudo  
à sua frente  
qual furacão

Os dois menores  
logo se encolhem  
vão se calando  
Manman então  
dá uma parada  
e os três irrompem  
numa explosão

Também os objetos têm nome. São nominados como os homens e os deuses a quem servem e são, portanto, uma classe de seres a seu modo sagrados também: Manman, Boulah, Second são os nomes dos tambores, e eles possuem outros. Porque aqui tudo é, ao contrário do que a má fé imagina, o resultado de uma profunda e difícil ordem que justamente possibilita nominar e tornar inteligível um sistema de seres que envolve deuses e estrelas, tambores e imagens de santos e espíritos. Uma ordem de todas as coisas que, de tanto ser aprendida e seguida com rigor, torna possível entre muitos um culto que justamente pode parecer não possuir ordem alguma. Primeiro um sistema de crenças que ordene as relações entre todas as coisas da arquitetura do cosmo, onde, de uma pedra com que se traçam riscos no terreiro a um planeta distante, tudo tem o seu lugar e, assim, o seu significado. Um tambor: Manman, ou uma deusa: Erzulie. Cada um, cada ser, reco-

berto de nomes, símbolos e preceitos, objetos, cores, sons e formas, combinações de tudo isso — fórmulas sábias e mágicas de identidade —, precisa estar absolutamente contido na equação das trocas entre o terreno e o celestial. E a ordem de tudo, que o sacerdote vela e o iniciado aprende, regra a solidariedade entre as pessoas e até mesmo a maneira depravada de ser de um deus desordeiro quando ele vem ao terreiro do vodú.

Coriscando, galinho de briga  
entra na rinha um jovem *houngan*  
cerca Gangan e o desafia  
Dando início à torva porfia  
agarra-lhe o pulso, quer derrubá-lo  
lutam, trocam uma pega, atiram *pouins*  
o velho tropeça, titubeia um instante  
o moço sorri, sentindo que ganha  
afrouxa a pegada, e não cabe de espanto  
ao ver-se comendo poeira, rolando no chão

É necessário que o devoto amoroso aprenda para conhecer e dominar os segredos por meio dos quais se transforma na possibilidade de manifestações do sagrado nos rituais do terreiro. Mas, uma vez iniciado, ele é um entre aqueles que possuem o seu deus e — o que é a mesma coisa — é possuído por ele. Aquele que me obriga a ser seu filho fiel, eu o obrigo a ser a divindade que me possui. Mais do que em outros inumeráveis cultos de todos os povos, aqui os seres não trocam entre si apenas promessas e favores — adoradores e adorados — mas a corporificação de suas próprias pessoas. Por isso o poema não conta a etnografia de um culto, mas a história de um amor que o torna ao mesmo tempo possível e admirável. Com os pequenos recursos materiais do pobre, o fiel enamorado ama a divindade que aprende a ser.

Erzulie, oh  
Erzulie, oh  
Como mandaste faremos  
Tua casa aspergiremos  
Se não tivermos loção  
Com água-de-cheiro  
De menta e de rosas

Nós te ofertaremos  
as mais solenes missas  
de ação de graças  
queimaremos incenso  
em tua honra  
cantaremos  
as mais lindas canções  
recitaremos  
entoaremos  
poemas *créoles*  
quais preces ferventes  
À noite  
ao redor da fogueira  
contaremos  
histórias fantásticas  
saltaremos  
por cima da lua  
faremos piruetas  
negacearemos  
em luta deveras  
para te conquistar

Então  
tu virás  
e por muito, muito tempo  
guardarei na carne  
a melhor lembrança  
de toda a minha vida  
De te teres um dia  
manifestado  
encarnado  
em mim  
De me teres possuído  
Erzulie!

A adoração intensamente física do orixá e a observação de incontáveis preceitos que tornam mais cotidianas do que em um mosteiro medieval as trocas entre o homem e um deus estabelecem como vivência o sinal do amor e a certeza de uma ordem cósmica que tal amor habita, entre todas as coisas vivas e vivificadas. Ali,

onde o amor não é posse, mas possessão. Como compreender isso sem preconceitos, nós que viemos de culturas onde, fora exceções, o poder que ama a posse submete o amor e ignora o sabor da possessão?

Durante mais de 400 anos, foi indispensável vermos, com os olhos armados dos interesses do colonizador, nesses rituais de antigos guerreiros trazidos da África — de nações africanas, não esquecer — como escravos, apenas a própria imagem de uma escuridão que há na maldade (cultos demoníacos de astutos feiticeiros), na ignorância (aqueles que nada sabem de uma verdade cuja posse é toda do branco) e na sensualidade desbragada (os profanadores do sagrado, porque o conclamam com os corpos, não com o espírito). Nada mais simples. Condenados ao trabalho até a morte, não precisam ser compreendidos enquanto vivos, nem como pessoas, nem como povos, nem como as culturas de que eram artesãos e portadores de símbolos. Vê-los e aos seus ritos — nas escondidas da noite, nos lugares ocultos, misteriosos — como falas furiosas da desordem era, ao mesmo tempo, a imagem especular da depravação que a empresa colonizadora instaurou em todo o continente e a razão mais aparentemente bem-intencionada para dominar com a morte e o trabalho forçado os que aqui viviam e os que para cá foram trazidos. Submeter e dizimar o indígena das Américas através de “guerras justas” e, depois, povoar suas terras com o trabalho justificado do africano aprisionado e desvestido do nome e da identidade. Um e outro, é justo que sejam subjugados porque são, da cor da pele ao nome dos deuses, a negação do que somos. E, porque são menos, podem ser diminuídos. Mentira? Vede como dançam!

Tantos séculos depois, seremos ainda os herdeiros da sina de empaparmos de significados à exaustão as crenças e os rituais que professamos, até o ponto em que os rituais e as crenças com que os “outros” professam a sua fé e a fazem ser a festa, ou nos são invisíveis, ou são apenas a fração pitoresca com que nossos países somam argumentos para atrair turistas?

A nós, teístas vagos ou ateus anti-sépticos, quando não cristãos piedosamente superiores a todos os outros povos, ensinaram a pensar mais ou menos assim sobre a religião dos *primitivos* com quem, afinal, ora mais de perto, ora mais à distância, temos que conviver: se os seus incontáveis seres divinizados não foram nunca, como os nossos, capazes de criar as coisas do universo mate-

rial e do espírito do homem, eles, ao contrário, se naturalizam nas também incontáveis formas e forças do cosmo e do corpo. São o raio e o sol, trovões, rios e mares, plantas e bichos. Se não são propriamente “aquilo”, estão presos — pobres orixás encarcerados cada um na fração de domínio de que é parte — aos lugares da natureza até onde se vai para adorá-los. Um se confunde com a mata e o outro, com a cascata; uma divindade habita os mares e a outra, a voz do trovão. Os mortos humanos reaparecem em outros corpos ou então simplesmente vagam, penam e fazem o mal: nem ainda vivos, nem já mortos, vagos espíritos sem paz. Voduns ... o terror! Quantos filmes foram feitos com tais temas. Como não temê-los, portanto, e, porque podem ser terríveis, como não controlá-los? O outro é sempre a diferença, e o seu poder está em que determina a nossa própria identidade. Distantes, são estranhos ou soberbos. Como não admirar um norueguês e mesmo um lapão? Próximos, são pitorescos quando submetidos, perigosos quando livres. Nossos negros, nossos índios...

Crenças de falsas ciências de que por muito tempo nos alimentamos reduziam sistemas religiosos complexos de povos e culturas a modalidades anárquicas e grosseiras de credices. Primeiro, não acreditar em nada “daquilo”; depois, temer sem crer: eis como o mistério se transforma em maldição. “Crianças, não toquem nisso!” Em casa ou na catequese, os meninos de minha geração no Rio de Janeiro aprendiam que “tudo aquilo” eram mentiras, mistificações. Mais do que apenas falsas, eram irrealidades. Mas, ó milagre! Irreal, “aquilo” era realmente perigoso. O poder dos negros... um simples *despacho* a que aprendemos a dar o nome de *macumba*, “coisa ruim”, devia ser sempre cuidadosamente evitado, porque, mesmo sendo parte de um sistema de crenças no que não existe, era também o produto de mentes e gestos maléficos que crêem no que fazem e, por isso mesmo, têm o poder de alojar o mal de que são o símbolo na pessoa e na vida de quem “não respeita”. Foi pelo caminho do temor que aprendi a conviver com os seus pequenos sinais de fervor.

Pois esses negros dançantes com os seus deuses atrás dos olhos ririam de nós. Donos de crenças e cultos que uma ciência atual, menos rancorosa diante da diferença, revela como sistemas complexos e ricos, capazes de articular em uma mesma trama lógica de significações as leis do universo — o que se explica mais

pela poesia que pela matemática — e as razões por que uma jovem sofre por amor.

Uma batida forte do Manman  
anuncia o início das litánias  
a prece *Dior*, em honra aos santos  
à terra dos avós, aos deuses ancestrais  
...

“Aqueles que fazem o sol brilhar nas alturas  
Agitam os mares, fazem a tormenta rugir”

Uma incursão à questão dos nomes ajudaria a compreender melhor o que fazem esses “filhos de fé”? Vejamos. Os tambores têm nomes; tocá-los é possuir o seu segredo. Apenas um tipo de iniciados os toca e, a seu modo, portadores do som que chama o celestial à Terra, eles são sagrados também. Eis uma falsa dedução muito comum entre nós. Ao contrário das religiões ocidentais, cristãs sobretudo, que sacralizam objetos de culto porque de algum modo eles se referem à divindade que está neles, como Jesus na hóstia, ou que se representa através deles, como Jesus na cruz, as religiões “fetichistas” de origem africana sacralizam símbolos e objetos de culto — como tambores e pedras enterradas no chão do ilê — porque eles seriam naturalmente carregados de algum tipo de força mágica, ou porque representam um poder mágico que é ou está naquela “coisa” da natureza: aquela árvore, aquele metal, o couro daquele animal: povos inferiores, deuses naturalizados, cultos bestiais e uma inevitável vocação para carregar a natureza de significados humanos e, então, povoá-la de espíritos e potestades. Uma inevitável vocação para o mal.

Não é assim. Nunca foi assim, nem na África dos muitos povos de origem, nem nas formas latino-americanas de religiões derivadas. Mas então o que é que torna, para “eles”, objetos tabus de culto as suas pedras, pembas e tambores? O que dá um tal suposto poder tanto a locais da natureza, quanto a tambores e a sucessões de toques que o músico do culto obtém deles? Embora essa idéia exista na própria memória de cultos como o vodu e o candomblé, não é apenas porque um tambor é feito com determinada madeira e determinado couro que ele se transforma em objeto de culto guardado com zelo, usado com temor. Ele é assim

porque a sua própria feitura é sacralizada; é um ritual em que o ato de fazer, através da arte e do poder atribuído àquela pessoa consagrada, torna o objeto feito único, ou de uma categoria única de objetos. Mas há mais. Ele, o tambor com o seu nome, não é um objeto de culto ritual porque é naturalmente sacralizado. Ele, pouco a pouco, na lenta sucessão dos anos e suas noites de festa, se consagra através de ser transferido da ordem da natureza para a de uma cultura. Transformado não apenas de madeira-e-couro em um tambor, mas de tambor naquele único objeto, daquele lugar de culto, que aqueles iniciados tocam em determinados dias e amaciam com as mãos mil e mil vezes, e lhe cobrem de afeição e significados, para que ele se torne objeto de um desejo coletivo cujo nome se pronuncia com reverência, depois de quantos dias e noites de sons sábios: Boulah, Babá, Outogni, os nomes genéricos de cada tipo de tambor de culto e, em cada lugar onde o seu som ecoa, aquele único Boulah. É preciso que do fazer ao tocar haja uma ordenada ação de trabalho sábio e solidário que consagre no rito o objeto, empapado de significados sociais, para que, usado pelos tempos, ele mereça associar, ao objeto do culto, o culto do objeto.

Todos os axés estão em seus lugares  
oferendas, pedras de raio  
cravos retorcidos com cabeças de serpentes  
os tripés que sustentam os *zins* cabalísticos  
sob os quais a perfumada lenha é acendida  
onde será preparado o alimento divino  
apaziguando assim os deuses  
o fogo renovando  
as exauridas forças dos *govis*  
que encerram os espíritos

Não são, portanto, as coisas em si que estão naturalmente cheias de um perigoso poder do sagrado, do tabu, em sistemas de culto que, assim, naturalizam o social e a cultura. Ao contrário, é uma sábia e persistente salvaguarda de modos de vida, códigos de trocas entre pessoas e entre pessoas e seus símbolos, que se apropriam de toda a natureza, seja como compreensão do cosmo, seja como objeto de culto, e a fazem social e também culturalmente sacralizada. Porque tudo é, ao mesmo tempo, o uno e o múltiplo, com um pouco de pó e traços no chão é possível convocar os deu-

ses ancestrais. Há, no interior do coração do crente, um amor que torna parte de uma mesma lógica o pó, o traço, o dom, a dança, o deus e a nação.

À noite ouço, vindo de longe  
um canto lento que se eleva  
sobre a cadência dos malhos  
que reduzem a pó os objetos sagrados  
para o traço dos pontos riscados

...

Espíritos ancestrais da nação Ibo  
ouvi nosso chamado, oh!  
Grandes espíritos Ibo, ouvi nosso chamado, oh!

É isto o que faz a crença, aquilo que, construído em milênios pelo trabalho coletivo, carregado de beleza e furor de todos, acaba sendo *aquilo* em que todos crêem: tambores que tocam, sons que fazem dançar, dançantes que carregam deuses, deuses que são o sinal do humano na aparência do sagrado.

A longa e difícil iniciação do devoto: do caminho das trevas à posse da iluminação.

Confinado  
em uma escura  
estreita cela  
deitado  
sobre áspera esteira  
folhas de palmeira  
a Ayizan dedicada  
no rito antigo entretecidas  
para assim nos proteger  
da terra impura  
O corpo em suor banhado  
a carne macerada  
pelas fibras duras, insidiosas  
com as minhas próprias confundidas  
Sufocado  
pelo calor da fomalha  
com ela latejando

em pleno meio-dia  
ao lado  
de meus irmãos  
espero  
...  
Tempo, matéria  
perderam sentido  
não mais distingo  
noite, dia  
dores, visões  
se foram  
Agora, somente paz  
bem-aventurança  
de dentro  
surgidas aos poucos  
para formar um outro eu  
enquanto no *pot-kanzo*  
à minha cabeceira  
o *ti-bon-ange*  
vela o meu renascer  
Perdida a âncora  
desgarrado  
meu corpo escasso  
flutua

Tal como terreiros e tambores, o iniciado de Erzulie é *feito*, construído: transforma-se e passa a ser, senhor de segredos, a morada do sagrado. Não importa, vimos, que a deusa que ama, carrega e se faz posse em transe seja a mulher sensual e fácil de amar, a quem se compra com presentes baratos:

*Erzulie-Fréda*  
*Koté ou yé*  
*Negrèsse Flavodum?*

*Erzulie-Fredá*  
*Onde estás*  
*Negra Flor Vodú?*

Vem  
vem a mim  
Como é longa a espera!  
Onde estás  
diz-me, Erzulie!

Um primeiro véu desvela ao ver do branco apenas a algazarra de uma religião de barganhas. O fiel iniciado torna-se ao mesmo tempo servo e usuário de um orixá a quem serve. Em troca de favores fáceis e presentes baratos — o perfume, as flores, o colar de contas, o trato da casa —, ele recebe a sua proteção e o direito de ser parcela de seu amor celeste e sensual. Entre o fiel e a divindade há diferenças de poder e de condição, não de identidade. Primeiro, porque os deuses são como os homens para que os homens possam sentir-se como deuses. Segundo, porque o desejo supremo do devoto não é apenas ser santo — como entre os cristãos — ou ser do santo, mas sentir-se sendo como ele, posse do poder de seus símbolos.

Um segundo véu desvela um sistema de sentimento e compreensão do mundo, da vida humana e social que tudo abarca. Uma profunda cosmologia cuja complexa profundidade escapa ao olhar do não-iniciado e exige do investigador muitos anos de estudo. A chave da porta de entrada? Compreender que a confraria de iniciados de Erzulie e de outros orixás serve aos deuses em que crê porque, mais do que barganhas e proteções, eles são o meio pessoalizado através do qual o homem penetra no domínio de um sagrado que não é bom apenas porque é beleza, afeição e festa, mas porque tudo ordena e ajuda a compreender. Maravilhas, terrores e poderes que o sacerdote de deuses negros aprende a reconhecer e manipular.

Mas um terceiro véu desvela uma geografia de afeições. Dançam banidos de uma África que foi o lugar de vida dos ancestrais e, portanto, ainda e para sempre é o lugar de sua memória e de sua vida celestial: homens, familiares, pais fundadores de tribos e nações, seus cultos, seus símbolos. O sentimento coletivo, secular do amor por um país — África amada —, por suas nações distantes. Perdido no tempo, do outro lado de um mar desconhecido, algumas milhas depois das costas das Américas, ele existe fulgu-

rante. Paraíso é o lugar de onde viemos um dia e toda a religião é uma imensa vontade de voltar.

Ó deuses, a cada um de nós dai em particular o que pedimos. Mas a todos, nações de negros de uma memória imperecível, dai-nos de volta a terra prometida. Fazei-nos retornar ao lugar de que somos, porque lá, apenas lá, estão os sinais que traduzem os nomes com que nos chamamos e de onde fomos roubados um dia, o mais triste de todos.

Ayizan Velequetê é orixá velha, muito velha  
Desfiem os ramos de *ayizan*, desfiem a palmeira  
Desfiem a ramagem fina, desfiem ela inteira  
Busquem Ayizan, digam-lhe que a estou chamando  
Ayizan, minha velha orixá do loureiro branco  
Escuta bem: saúda o grande Elegbá por mim  
Diz a ele que para a África estou voltando

Depois de muitos anos de não ver e não querer compreender, nem com o coração nem com a ciência, a vida dos cultos de negros nas Américas, muitos estudos sobre todos eles foram feitos. Alguns anos depois de tanto terem sido estudados através da sociologia, da história e da antropologia, um deles se transforma em poesia: *Teu corpo é ouro só*. Bem melhor do que o silêncio e a ciência, eis um poema carregado de beleza, emoção e, mais do que tudo, de uma qualidade de sabedoria que não quer explicar o que são e fazem esses homens e deuses dançantes, mas ser como o deles, um seu canto também.

Campinas, 2 de fevereiro de 1985  
dia de festas no mar

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

## INTRODUÇÃO

Há muitos anos, quando eu vivia no Haiti, chegou-me às mãos, nas mais penosas circunstâncias, um manuscrito em francês: poucas páginas, dilaceradas, parcialmente destruídas pela água e pelo fogo, em uma letra quase indecifrável, contendo notas e o esboço de um poema intitulado "A Erzulie". Tinha como tema os ritos de iniciação do vodu haitiano, sob a forma incipiente de um canto de amor à Vênus vodu, Erzulie-Fréda-Dahomey, por um *hounsi-kanzo*, ou iniciado que passou pela prova do fogo. Os fragmentos continham beleza, mistério, angústia. Tive a tentação de fazer deles um todo coerente, reestruturando, preenchendo lacunas, ou mesmo cortando ou modificando aqui e ali, reescrevendo, enfim. O resultado foi totalmente insatisfatório.

Enamorado do Haiti, da sua gente, da sua arte e literatura, aquelas notas deram-me a primeira visão real de um aspecto de uma cultura que eu até então conhecera de maneira muito superficial e distorcida, as tradições religiosas do povo haitiano. Após muito trabalho e muita leitura, transformei aquela primeira tentativa em um novo e mais extenso poema. Ao concluí-lo, porém, verifiquei a necessidade de realizar uma pesquisa mais ampla, para poder chegar a um texto realmente significativo. Isso exigiu estudos adicionais, bem como diversas viagens ao Haiti para discutir determinados pontos com especialistas na matéria, assistir a cerimônias do culto vodu e consultar uma bibliografia raríssima, em grande parte pertencente a coleções privadas. Após mais alguns

anos, termino esta versão, que considero definitiva, e que recebeu o título de *Teu corpo é ouro só* — Ritos de iniciação vodu.

O vodu tem sido difamado, mal-interpretado, tido como um conjunto de superstições, práticas de feitiçaria ou de ritos sinistros. Somente neste meio século foi ele devidamente estudado e visto em sua verdadeira perspectiva: uma religião praticada no Haiti, com raízes africanas, influenciada pelo catolicismo, mas que reteve a maior parte das suas características originais. Alfred Métraux, conhecido antropólogo francês e grande estudioso do vodu haitiano, assim o sintetiza:

*O vodu é um universo extremamente vasto, uma religião africana na realidade, mas também uma religião européia, uma religião sincrética que amalgamou não apenas diferentes cultos africanos mas também certas crenças do folclore europeu. Discernem-se nela tradições normandas e bretãs, trazidas pelos colonos franceses e adaptadas pelos negros; distinguem-se mesmo ritos maçônicos. Em resumo, é uma espécie de conglomerado de elementos de todo gênero, dominado por tradições africanas. Tal religião é praticada por 90 por cento do povo haitiano (...). Essas pessoas consideram-se também católicas e, ao afirmar que nove décimos da população praticam o vodu, não quero dizer que não sejam cristãos. Todos os crentes do vodu são na verdade excelentes católicos, extremamente piedosos. No seu entender, não existe uma separação pronunciada entre a religião que praticam e o catolicismo, ao qual estão unidos. O vodu não se apresenta, portanto, como uma religião oposta ao catolicismo. Todos os camponeses haitianos, repito, são bons católicos e não vêem qualquer contradição, qualquer incompatibilidade, entre a religião oficial do seu país e a fé que herdaram dos seus antepassados. O vodu adquiriu no Haiti o seu caráter especial por omissão da Igreja. Os escravos importados da África no século XVIII, eram batizados, forçados a freqüentar a igreja, mas não recebiam instrução religiosa. Permanece-*

*ram, dessa forma, fiéis ao único bem que tinham podido trazer consigo, as suas crenças Permaneceram ainda mais aferrados a elas, pois assim podiam guardar alguma esperança e, a despeito da realidade, dar algum sentido às suas vidas, graças a certos valores que essas crenças preservaram. (1972:4)*

Com uma mitologia tão rica quanto as mitologias dos antigos sistemas religiosos da Europa ou da Ásia, o vodu haitiano preserva uma cosmologia complexa e bem ordenada, o número de divindades alcançando algumas centenas, variando conforme os diferentes ritos e regiões do país.

No rito Radá, seguido pelo poema e considerado o rito básico do Haiti, Erzulie-Fréda-Dahomey é a deusa do amor. Existem, entretanto, outras Erzulies com atributos os mais diversos. No rito Zandor, ela é uma divindade sanguínea e vingativa. Erzulie-Yeux-Rouges, ou Erzulie dos Olhos Vermelhos. No rito Petrô, uma divindade trágica, Erzulie-Dantor. Ainda no rito Radá, dentro do sincretismo religioso peculiar às religiões afro-americanas, Maîtresse Erzulie é uma deusa caridosa, freqüentemente identificada com a Virgem Maria.

Erzulie-Fréda-Dahomey é uma bela mulata de cabeleira longa e sedosa, que exige jóias, perfumes, roupas caras, pratos requintados, as mais finas bebidas. Extremamente sensual, possui legiões de admiradores. É casada com Ogum Badagris, o deus da guerra, e com Agüê, o deus do mar. É ainda a amante de Damballah, o deus-serpente, e tem um caso antigo com Ogum Ferraille, filho de Badagris, o que não a impede de entregar-se a qualquer deus ou homem que a atraia.

Extremamente ciumenta, Erzulie vê-se muitas vezes traída por seus inúmeros maridos e amantes, o que dá margem a trovas populares:

*Ezili, mari-ou domi dého!*

*Metès Ezili, li domi dého!*

*Ezili, mari-ou domi dého!*

*Kado ça li poté pou ou?*

Erzulie, seu marido dormiu fora!  
Senhora Erzulie, ele dormiu fora!  
Erzulie, seu marido dormiu fora!  
Que presente ele trouxe pra senhora?

Existem provas documentais de casamentos entre Erzulie e iniciados, sob a forma de contratos passados em tabeliães públicos, com testemunhas, e devidamente selados de acordo com a tabela de custas. Por vezes Erzulie se vinga do iniciado que não cumpre as promessas após se ter casado com ela. Entretanto, como apesar de caprichosa tem bom coração, Erzulie facilmente perdoa aqueles que a esquecem ou a traem.

O poema não descreve todas as cerimônias do ciclo de iniciação. Faz referências apenas passageiras ao *Lavé-Tèt*, “Lavagem da Cabeça”, ao *Lévé-Nom*, “Dar Nome”, e ao *Mangé-Tèt*, “Dar de Comer à Cabeça”, mas nenhuma ao *Mété-Nanm*, “Equilíbrio das Almas”, à *Garde* ou *Gad*, “Confirmação”, nem tampouco à *Descente des Colliers*, “Descida dos Colares”, tocante cerimônia que encerra o ciclo. São partes integrantes do rito, mas não essenciais ao poema, tal como estruturado.

Foi, no entanto, dada relevância a certas partes: ao *Haussement*, “Elevação”, cerimônia inicial; ao *Kouché*, “Retiro”, morte simbólica da qual o iniciado emerge, renascido; ao *Boulé-Zin*, “Queima dos Potes”, o momento mais dramático de todo o ritual; e finalmente à *Sortie*, “Saída”.

Além de Erzulie, várias das principais divindades do Olimpo haitiano figuram no poema: Damballah, o deus-serpente, e sua mulher, Ayida-Wédo; Elegbá Atibon, divindade jeje que corresponde ao Exu ioruba, guardião dos caminhos, encruzilhadas e portais celestes, e Ayizan Velequetê, sua mulher, guia e protetora dos iniciados; o clã dos Ogum; Agüê, o deus do mar; Baron Samedi e os Guedê, clã dos quais ele é o chefe, apresentam-se, como é de praxe, no final da cerimônia do *Boulé-Zin*. Esses orixás, ao mesmo tempo sinistros e alegres, usam sempre palavras do mais baixo calão, acompanhadas de gestos obscenos. Surgem nos versos tais quais são, “Guedê, cadáver e falo”, como bem diz Maya Deren.

Espero que os estudiosos do candomblé brasileiro encontrem neste meu trabalho um motivo adicional de interesse, pois os ri-

tuais do vodou haitiano e do candomblé jeje, que sobrevive apenas na Casa das Minas de São Luís do Maranhão, têm a mesma origem daomeana. Embora tenham evoluído em direções distintas, são inúmeros os seus pontos de contato, tema que pretendo desenvolver num próximo estudo.

Cabe aqui uma referência particular às ilustrações, cada uma delas intimamente relacionada à parte que se lhe segue. Representam, na sua maioria, *vèvès* e objetos de culto. São os *vèvès* diagramas rituais traçados no chão do *terreiro*, ao redor do poste central, com farinha de trigo, fubá, cinza, borra de café, diferentes pós, ou mesmo tinta. Equivalem aos pontos riscados do nosso candomblé, mas bem mais sofisticados, e constituem um elemento essencial do ritual voduesco. Cada divindade tem o seu próprio *vèvè*, cuja função principal é ajudar a invocá-la, para que ela se manifeste “montando” o seu “cavalo”. De origem daomeana, o traçado simbólico dos *vèvès* atingiu no Haiti um alto nível artístico e de estilização, jamais alcançado na África ou em outros países das Américas. Muito embora retenham os tradicionais elementos cabalísticos africanos, os pontos riscados haitianos sofreram uma grande influência européia, sobretudo francesa, como se vê pelo refinamento de certos traçados, imitando arabescos ou um rendilhado. Os *vèvès*, desde os primórdios da arte primitiva do Haiti até os dias de hoje, constituem uma fonte de inspiração para os artistas plásticos haitianos, que deles se utilizam como motivo em suas obras. A leitura das notas explicativas sobre os signos voduescos e da descrição de cada uma das ilustrações parece-me essencial à compreensão das mesmas e do próprio poema.

Procurei respeitar a grafia *créole* dos nomes próprios e comuns, bem como da maioria das expressões, exceto quando havia um correspondente em português. Tomei a liberdade de apertuguesar a grafia ou a acentuação tónica em alguns casos, seja para evitar quebra de ritmo dos versos traduzidos, seja para facilitar a leitura.

O poema é precedido por um curto trecho em prosa, “Homenagem ao tambor”, parte do manuscrito de Z-----, o iniciado *Kanzo* autor dos apontamentos iniciais. É possível que essa peça tivesse sido concebida como intróito ao poema què ele não chegou a escrever.

Ao texto poético seguem-se as notas atrás referidas, um glosário de palavras e expressões em *créole* haitiano empregadas na obra, e uma bibliografia.

Desejo expressar os meus agradecimentos aos inúmeros amigos que leram este poema e me ajudaram com conselhos e sugestões, especialmente Mme. Madeleine Price-Mars, que me facilitou consultas à biblioteca do seu falecido pai, o eminente Dr. Jean Price-Mars. Ao Dr. J.B. Romain, decano da Faculdade de Etnologia da Universidade do Haiti, minha gratidão por seus inestimáveis esclarecimentos. Agradeço ainda as críticas construtivas do prof. Sérgio Figueiredo Ferretti, da Universidade Federal do Maranhão.

Meu sincero reconhecimento ao Prof. Carlos Rodrigues Brandão, da Unicamp, que tão generosamente se prontificou a escrever o prefácio, proporcionando-me, ainda, contatos com especialistas em religiões afro-brasileiras e em outros campos.

É com profundo pesar que presto homenagem ao escritor haitiano Milo Rigaud, o qual, pouco antes da sua morte, deu-me permissão para utilizar o vasto material das suas obras. Parte dos desenhos e colagens que ilustram o poema, representando os tradicionais *vèvès* e objetos do culto, foi inspirada em seu livro *La tradition voodoo et le voodoo haitien*.

Um pensamento muito especial para Maria, minha mulher, pelo carinho com que ilustrou este trabalho, pela sua paciência na revisão do texto, desde a primeira versão, pelas suas sempre bem ponderadas observações e pelo seu contínuo estímulo.

A.B.M.C.



## HOMENAGEM AO TAMBOR

Para o negro, não é o dedilhado alegre da guitarra... não é a ressonância do clarim... não é o lânguido som do violino.

Nem uma sinfonia de salmos.

Não. Para o negro, é o tantã, o rouco tantã do tambor que exprime como nenhum outro instrumento a profundidade da sua alma.

Irmão, ó irmão negro africano!

Lá longe, no coração do continente, a batida poderosa dos teus tambores vem ecoando, desde um passado que se perde nas brumas, pela imensidão da savana e da floresta, numa invocação solene aos nossos deuses, num cântico de alegria pela colheita, num desafio ao animal da selva. Ou num soluço de angústia que significava a morte.

No Haiti, minha pátria, quando noite adentro o negro procura afogar suas mágoas na embriaguez estonteante do Rará, é também o tambor que acende nos peitos um fogo divino, e à sua cadência mágica os corpos ondulam e se contorcem num anseio de vitória sobre a fome, a sede, a desesperança.

Tantã, ó tantã, expressão viva da alma do negro!

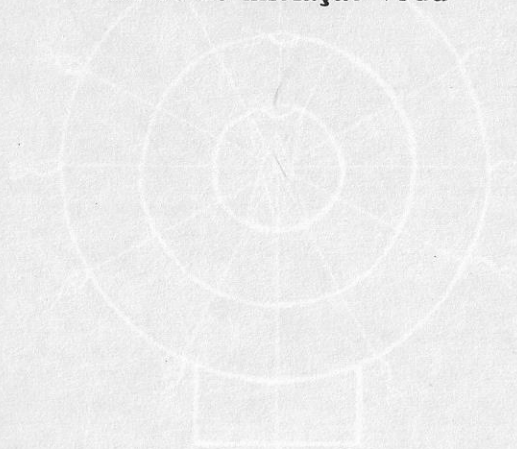
Tambor, querido instrumento, legado dos meus ancestrais. Tu, que durante a gênese da minha raça e depois do êxodo do meu povo tens sabido cantar com tua voz profunda todas as suas alegrias e tristezas, todos os seus ódios e paixões, suas esperanças e sua resignação. Tu, que durante a longa e escura noite da escravi-

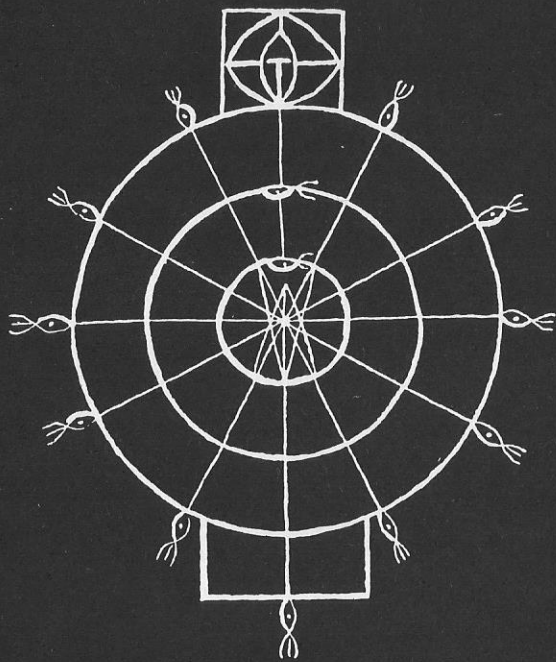
dão soubeste exprimir com ritmo pungente a elegia da dor do negro!

Quero exaltar-te, ó tambor, e fazer com que todos os homens compreendam o que tu és e o que representas. E do fundo da minha alma sinto crescer qual uma vaga a certeza de uma época que se aproxima, na qual o obscurantismo que envolve tudo o que é africano será uma coisa do passado, uma época na qual os nossos verdadeiros valores receberão o tributo que há muito lhes é devido, projetando-se no mundo inteiro como testemunho do gênio da nossa raça.

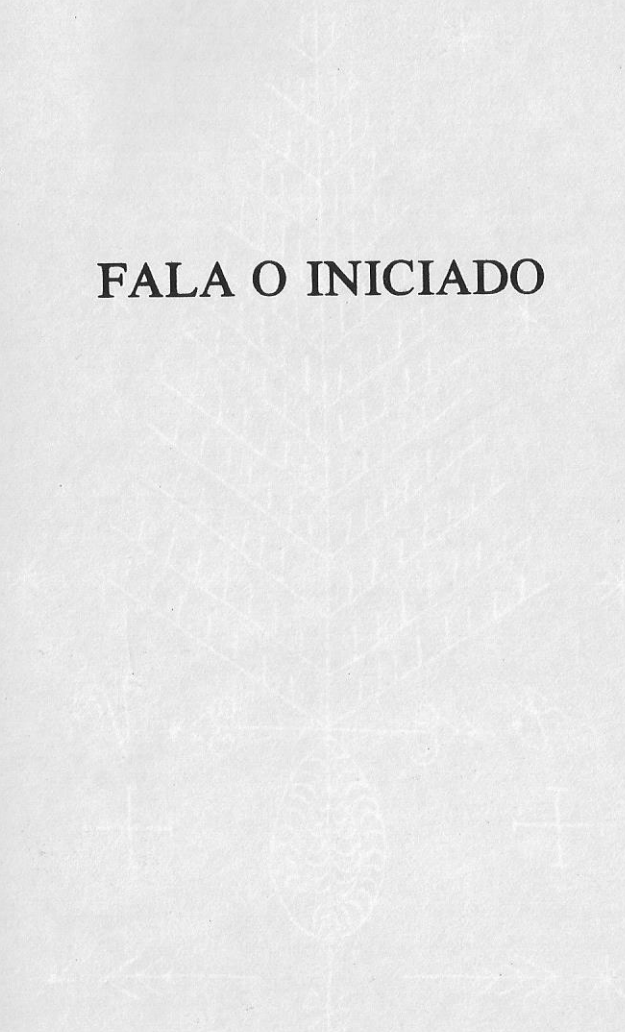
# TEU CORPO É OURO SÓ

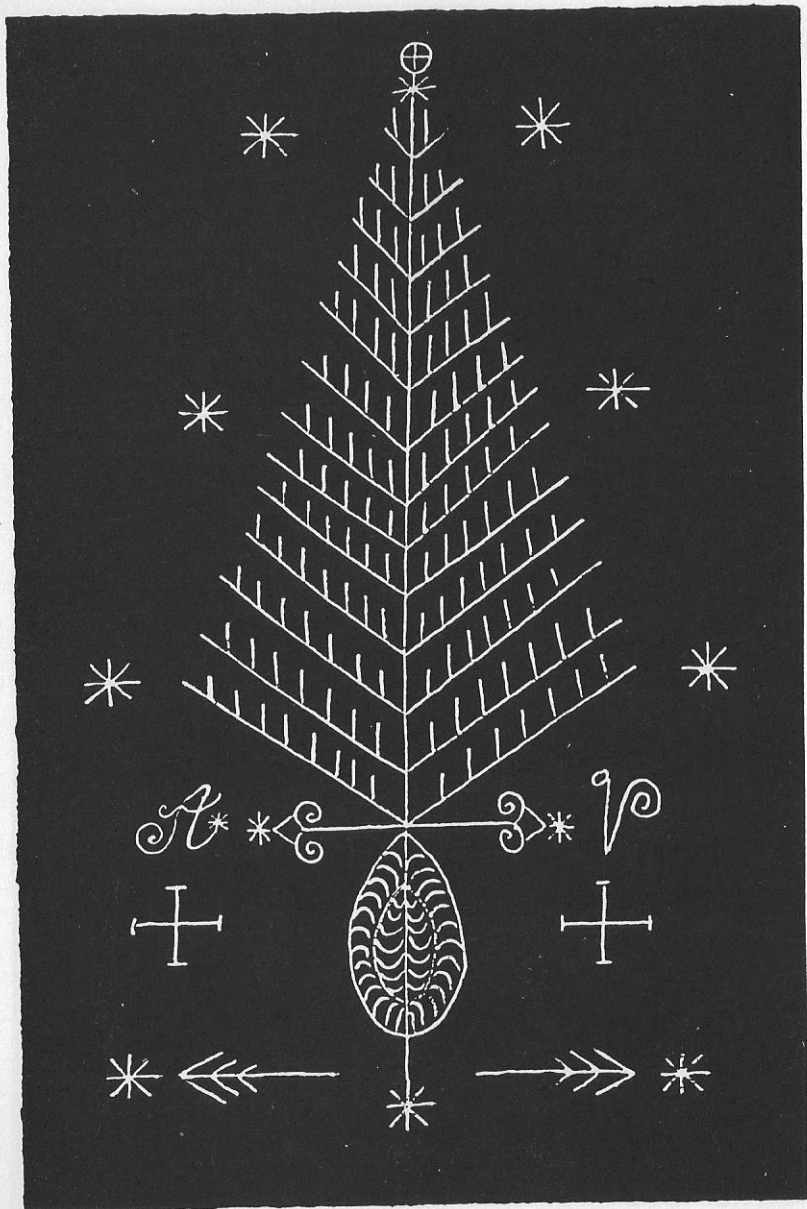
Ritos de iniciação vodou





# FALA O INICIADO





# I

## DJÉVO

*Confinado  
em uma escura  
estreita cela  
deitado  
sobre áspera esteira  
folhas da palmeira  
a Ayizan dedicada  
no rito antigo entretecidas  
para assim nos proteger  
da terra impura  
O corpo em suor banhado  
a carne macerada  
pelas fibras duras, insidiosas  
com as minhas próprias confundidas*

*Sufocado  
pelo calor da fornalha  
com ela latejando  
em pleno meio-dia  
ao lado  
de meus irmãos  
espero*

*Por travesseiro, pedra lisa  
imaculada  
do alto rolada, ravina abaixo  
por águas em fúria  
até o poço que Simbi guarda  
do seu fundo tirada  
ao entardecer  
consagrada  
em horas perdidas  
de um último quarto*

*Tempo, matéria  
perderam sentido  
não mais distingo  
noite, dia  
dores, visões  
se foram  
Agora, somente paz  
bem-aventurança  
de dentro  
surgidas aos poucos  
para formar um outro eu  
enquanto no pot-kanzo  
à minha cabeceira  
o ti-bon-ange  
vela o meu renascer  
Perdida a âncora  
desgarrado  
meu corpo escasso  
flutua  
Após o longo jejum  
desapareceram  
como que para sempre  
os anseios da carne  
tudo me repugna, me nauseia  
estremeço a um simples toque  
Manman Hougno implora  
que eu me alimente  
ampara-me a cabeça  
e num acalanto surrurra:*

Oh, lélé, oh lélé, oh  
Mangé bon akasan  
Dou é nourrissan  
Oh, lélé, oh lélé, oh

Oh, lélé, oh lélé, oh  
Toma o bom acaçá  
É doce e dá sustância  
Oh, lélé, oh lélé, oh

Impaciente espero  
a volta de Papa Houngan  
para tranqüilizar-me, aconselhar-me  
Mestre, guia  
seu controle sobre a minha mente é absoluto  
minha dívida irredimível

Todas as manhãs  
faz-me banhar  
em água morna, aromatizada  
por folhas  
no pilão esmagadas  
Duas vezes ao dia me unge  
com óleo de palma-cristi  
mas suas regras severas  
não me permitem falar, sorrir  
ou mesmo mover-me  
Deitado sobre o lado esquerdo  
mal suporte as câimbras  
das pernas dobradas

Sem ter pedido  
meu consentimento  
cortou-me as unhas tão rentes  
até os sabugos sangrarem  
Cabelo, barba, sobrancelhas  
até meu púbis raspou  
colocou tudo em um jarro  
no mesmo canto da cela  
onde reuniu os objetos

*a serem consagrados  
durante a cerimônia*

*Como parecem distantes  
o lévé-nom, o lavé-tèt  
com o seu odor pungente  
manjeriço, funcho, atyayo*

*Amanhã  
mais uma prova ainda*

*desesperado  
agarrando-me à estrapada  
às muralhas a pique  
arrastando-me  
pela senda interminável  
que serpenteia abismo abaixo  
por penhascos de negro basalto  
suspensos sobre torrentes  
arremessadas do alto*

*Erzulie  
Mesmo se me guiares  
encontrarei forças  
para descer ao último círculo  
escalar na volta  
as alcantiladas fragas?*

*Tudo isto por ti  
mas quando  
oh quando  
virás a mim  
Quanto ainda  
devo esperar  
Erzulie?*

*À noite ouço, vindo de longe  
um canto lento que se eleva  
sobre a cadência dos malhos*

*que reduzem a pó os objetos sagrados  
para o traço dos pontos riscados*

Ibo, bohoungó gran moun  
Oh, gran moun, oh!  
Ibo gran moun, bohoungó, oh!

*Espíritos ancestrais da nação Ibo  
Ouvi nosso chamado, oh!  
Grandes espíritos Ibo, ouvi nosso chamado, oh!*

*Parece vir das quebradas dos morros  
Ibo, oh Ibo gran moun, oh!*

*Em resposta, num arrastar de pés  
dançando em círculo  
um coro de hounsis entoando  
um outro cântico  
os ágeis dedos desfiando  
os verdes ramos*

Ayizan-Vélékété sé loa, vyé, vyé  
Pungwé ayizan, chiré, chiré  
Chiré ayizan, chiré, chiré  
Rélé Ayizan, rélé Ayizan pou mouin  
Ayizan ou min qui poté loryé blan  
Tadé Ayizan: Legba salué  
M'pralé, m'pralé Géléfré  
Pungwé ayizan, chiré, chiré  
Chiré ayizan, chiré, chiré

*Ayizan Velequetê é orixá velha, muito velha  
Desfiem os ramos de ayizan, desfiem a palmeira  
Desfiem a ramagem fina, desfiem ela inteira  
Busquem Ayizan, digam-lhe que a estou chamando  
Ayizan, minha velha orixá do loureiro branco  
Escuta bem: saúda o grande Elegbá por mim  
Diz a ele que para a África estou voltando  
Desfiem os ramos de ayizan, desfiem a palmeira  
Desfiem a ramagem fina, desfiem ela inteira*

Rio abaixo, voando nas corredeiras  
uma ubá de koton-soua, tendo nos flancos  
ainda vivas as cicatrizes do ferro em brasa  
da chama ardente que as entranhas lhe devorou  
ao longo da mata virgem, mais alta ainda  
do que era quando o machado a derrubou

— o campo ingrato de pó e cinza  
o sapezal cobrindo tudo  
um pesadelo que não chegou —

o arvoredo em pleno viço, no cimo do morro  
um toque apenas do prateado da imbaúba  
do desmaiado das catléias; estourando em cores  
chuvas-de-ouro, aningaúbas, rosas-de-cão  
Das duas margens a guincharia da sagüizada  
mal deixa ouvir o bater de asas de um gavião  
que às altas copas se sobrepõe  
Além da curva peixes saltando, de um jacaré  
fugindo em vão

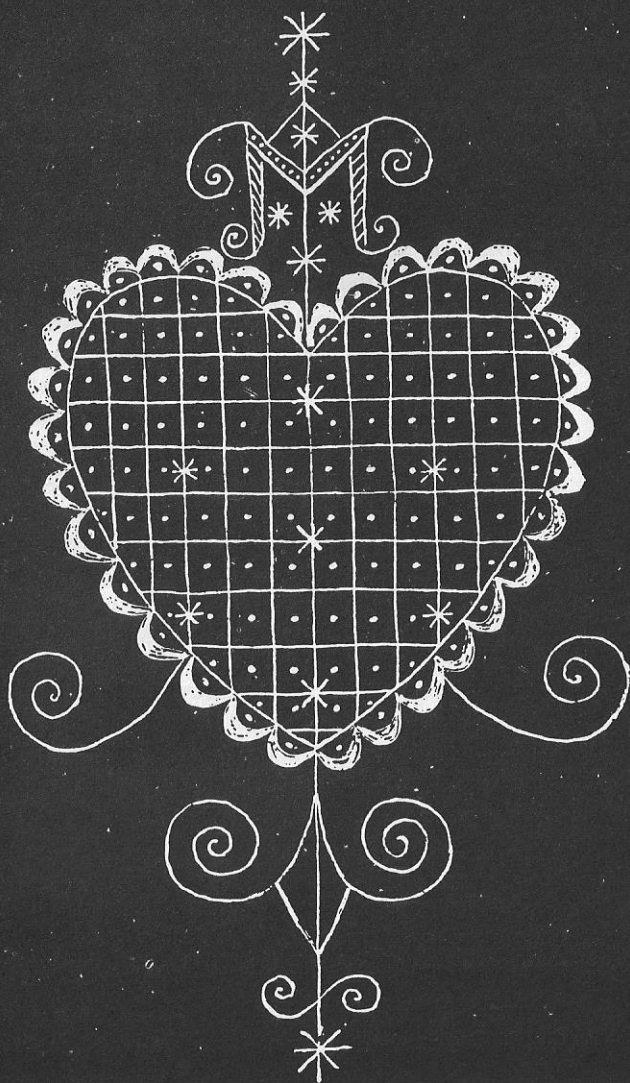
o baque surdo de uma jibóia  
sobre a cutia que à beira d'água se descuidou  
Por entre a bruma, nela sumindo, a silhueta  
de um Aruaque, arco reteso, no alto da proa  
A planície imensa, o Artibonite se espojando  
por ela afora, o milho brilhando ao sol

Na foz do rio, içada a vela  
que a brisa enfuna  
o barco corre, vai mar adentro  
deixando longe as Arcadins  
até tocar em um baixio  
sob o qual há uma ilha

— grutas puro cristal  
jardins só de coral —

onde um deus do mar espera a amante  
que para o ver, transpor distâncias  
em arco-íris se transmutou  
Lá nos quedamos a tarde inteira  
buscando a tiara, o colar de pérolas  
que sobre a areia ela esqueceu  
De volta à costa

*pisamos leve tintas pastel  
por um prado de fina grama  
que se agiganta  
e se transforma em dossel  
logo depois túnel escuro  
vai varando a imensidão  
Arrancados àquele embalo  
arrastados, pés, mãos atados  
a noite inteira, por ele afora  
até enfim romper a aurora  
quando liberto, tonto de sono  
em um halo envolta eu te adivinho.*



## II

### ESCU TA

*Escuta  
linda Erzulie  
teus desejos  
estão prestes a realizar-se  
teu servo  
preparará o caminho  
tal como queres  
aspergindo a tua alcova  
com água perfumada  
de timo  
folhas de louro  
e doce manjeriço  
seguindo  
passo a passo  
o ritual prescrito  
para teus sacrifícios*

*O templo  
com tuas cores adornará  
rosa pálido, azul cerúleo  
e o branco puro de tuas vestes  
qual o das nuvens onde te escondes*

*sobre essa Costa de onde viemos  
em escuros bojos, agrilhoados  
a este exílio, em tempos idos  
Elas te trazem de volta a nós  
quando em segredo te invocamos  
na antiga língua de nossos avós*

Lihcan Yalodé  
Gba-a-Dou  
SAH-MEHJI-LISAH  
Lih Dahomin  
Lih Can Sah

*Duas pombas brancas  
teu servo  
te ofertará  
Na alva penugem  
um rubi sem mácula  
despontará  
Cada uma delas  
num só suspiro  
num terno arrulho  
antes da morte  
te abençoará  
como se repetisse  
com o coro inteiro*

Ezili, loa mouin  
San versé, san volé  
Anlonné, anlonné ou  
Ezili, loa mouin  
Agoé! Agoé!

*Erzulie, minha orixá  
Em tua honra  
Sangue correu  
Sangue voou  
Erzulie, minha orixá  
Agoé! Agoé!*

Noite e dia teu servo  
o teu altar velará  
Com suas mãos uma lâmpada  
do mais fino barro  
ele moldará  
e transbordante  
de óleo votivo  
acesa a manterá  
a mecha tecida  
com fio de seda  
da mais alta paineira  
que na mata inteira  
puder encontrar  
Sobre o alvo  
linho bordado  
os frutos mais frescos  
dos nossos pomares  
carne de caça, aves  
apanhadas  
no fundo da mata de Lokô-Atissô  
peixes  
recolhidos na rede  
de trama invisível  
roubada do deus Agüê  
Para matar tua sede  
refrescos gelados  
groselha, picante aluá  
Doces, bombons, amendoim torrado  
e os confeitos  
teus preferidos  
No toucador  
de seda, rendado  
perfumes franceses  
espelho prateado  
dez tipos de escovas  
para domar tuas tranças  
de cobre lúcido  
Laços de fitas  
mil flores diversas  
para enfeitar teu sobagui

*deixando as outras  
iaôs ou esposas  
deusas que sejam  
verdes de inveja  
mortas de raiva*

*Ezili, oh  
Ezili, eh  
Caille ou mandé rousé  
Si pas gagnin lotion  
Na rouzé avè dlo '  
De menthe é de rose*

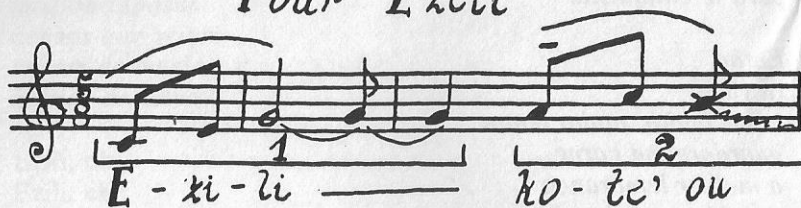
*Erzulie, oh  
Erzulie, eh  
Como mandaste faremos  
Tua casa aspergiremos  
Se não tivermos loção  
Com água de cheiro  
De menta e de rosas*

*Nós te ofertaremos  
as mais solenes missas  
de ação de graças  
queimaremos incenso  
em tua honra  
cantaremos  
as mais lindas canções  
recitaremos  
entoaremos  
poemas créoles  
quais preces ferventes  
À noite  
ao redor da fogueira  
contaremos  
histórias fantásticas  
saltaremos  
por cima da lua  
faremos piruetas  
negacearemos*

*em luta deveras  
para te conquistar*

*Então  
tu virás  
e por muito, muito tempo  
guardarei na carne  
a melhor lembrança  
de toda a minha vida  
De te teres um dia  
manifestado  
encarnado  
em mim  
De me teres possuído  
Erzulie!*

# Pour Exili



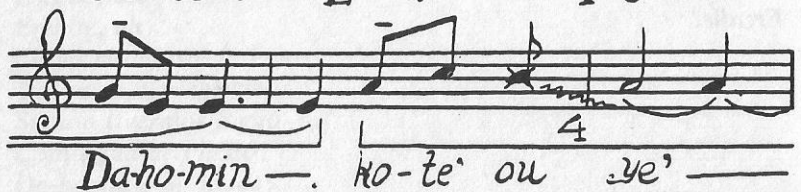
1 2

E - xi - li ————— ko - te' ou



2 3

ye' Bel' E - xi - li Fre - da



4

Daho-min —. ko - te' ou ye' —



5<sup>a</sup> 5<sup>b</sup>

— cul'ou marde' ro-se' — ko - te' ou



5<sup>b</sup>

ye' Bel' E - xi - li Na rse' ave' dlo



5<sup>b</sup>

Ouan-yoe' oh ko - te' ou

### III

## ONDE ESTÁS?

Koté ou yè, Ezili?  
*Onde estás, Erzulie?*

*Sinto-me perdido  
diz-me  
por que não respondes  
Eu te chamo  
para que me inspires  
a compor um canto  
a ti dedicado, minha mambo*

Koté ou yè, Ezili?  
Bel fanm, koté ou yè?

*Onde estás, Erzulie?  
Linda mulher, onde estás?*

*Vem ajudar-me  
Silencia as vozes dos fiéis  
prestes a entoar  
hinos em teu louvor*

*enrouquece-as  
faz com que os sons se congelem  
nas gargantas  
para que  
somente o meu canto  
se eleve a ti*

*Onde, oh, para onde foste?  
Ouangoè, oh, ou alé?*

*Para onde foste  
antes  
que eu apregoasse ao mundo  
tudo o que és  
te compusesse uma balada  
com palavras forjadas  
em novos metais  
de minas que descobri  
em lugares que não posso revelar  
Seus filões vão percorrendo  
de alto a baixo o inferno  
Começam em uma ravina  
no fundo de um bosque escuro  
onde trôpego cheguei  
depois de ter sorvido  
até a última gota  
uma estranha mistura  
que me havias preparado  
no silêncio do teu quarto*

*São veios que vão perfurando  
por baixo dos quatro rios  
dos dez refúgios do lobo  
sob as muralhas de Dis  
e que depois vão subindo  
por dentro de uma montanha  
de três mil léguas de altura  
até alcançarem a luz  
na boca de uma caverna  
lá no cimo de La Selle*

*Pelo espaço de uma lua  
em um fogo de carvão  
da mais dura das madeiras  
eu ali os fundirei  
assoprados sem cessar  
pelo bafo de dragões  
que eu mesmo encantei  
ao rochedo acorrentei  
segredos que aprendi  
do bisavô de meu pai  
dos brancos ele escondeu  
quando a esta ilha chegou  
arte que Ogum ensinou  
desde o Congo até o Níger  
desde Benim a Songhai*

*Meu canto será balada  
que a ti dedicarei  
Senhora da Misericórdia  
de lindas faces rosadas  
lírios tens nas madeixas  
para ti as aves gorjeiam  
do alto da sebe em flor*

*Nela eu revelarei  
como podem me excitar  
ou bem assim acalmar  
as carícias  
que só tu sabes destilar  
da palma da tua mão  
teus dedos  
por meus cabelos  
num gostoso cafuné  
Meu pescoço, nuca  
orelhas  
mordiscados  
orvalhados  
pela ponta da tua língua  
Doce mel*

*Os caminhos  
que tuas unhas traçam  
em minhas costas e braços  
quando  
ao céu tu me conduzes  
enlaçado em tuas coxas  
Anaconda*

*De regresso a outro céu  
quando descanso a cabeça  
no fofo das tuas nádegas  
no vale entre teus seios  
querendo ser carregado  
por toda uma eternidade  
no veludo do teu canto  
Sabiá*

*Quero louvar  
tua beleza  
teu caminhar  
tua graça  
infinitos nada  
minha doce amada  
Mas tu não respondes  
e sinto  
dentro de mim  
uma dor agonizante  
tenaz  
dilacerante*

*Erzulie  
vem em meu auxílio  
eu te imploro!*

*Ezili, ou gran moun  
Ezili-Frédi, koté ou yè?  
Vini m'édé, vini caille mouin  
Mouin cè pitit Bondyé fè  
Ezili, loa mouin, vini m'édé*

*Erzulie, espírito sagrado  
Erzulie-Fredá, onde estás?*

*Vem à minha casa, ajuda-me  
Eu também sou filho de Deus  
Erzulie, deusa minha, ajuda-me*

*Mas tu não escutas*

*Ezili-Fréda  
Koté ou yè  
Negresse Flavodoun?*

*Erzulie-Fredá  
Onde estás  
Negra Flor Vodou?*

*Vem  
vem a mim  
Como é longa a espera!  
Onde estás  
diz-me, Erzulie!*



Invocation

Par *Touvoir*:

Madame la Lune, la Belle Vénus,  
au nom de femme Brillant-Soleil,  
au nom de Maîtrene Egibi-Frédia-Kahomin,  
Nègresse Manou-Lade,  
Nègresse Frédia-Si,  
Nègresse Fla-Voudoun-Frécia,  
Nègresse Sipa-Fleur-Voudoun,  
Nègresse Tabor Manyan,  
Nègresse Cibracan,

Agô, Agocy, Agda!

## IV

### INVOCAÇÃO

*Erzulie  
eu te invoco!*

*Negrèsse manou ladé  
Frédacy-Fréda  
Negrèsse Dahomin  
Tabor mangnan voudé  
Sirène  
Negrèsse flavoudoun  
Negrèsse cisafle  
Eu te invoco!*

*Vem  
para que  
meu corpo em transe  
receba o teu espírito  
Vem  
funde-te comigo  
instila em mim  
tua força sagrada  
Os tambores soam  
pela noite adentro*

exaltando o vodú  
exaltando-te a ti  
Erzulie  
convocando os espíritos  
para que venham dançar  
no coração dos fiéis  
e no meu peito  
os deuses se rejubilam  
e a minha alma  
a ti se une  
Erzulie

Humildemente  
este serviço Radá  
eu te ofereço  
ajudado pela magia  
das invocações  
em créole sonoro  
em linguagem Fon  
ajudado  
pelos diagramas rituais  
representando os orixás  
desenhados  
no chão nu do templo  
com cinza, pó de tijolo  
borra de café  
traçando  
teu poderoso ponto  
em cores pálidas  
farinha de trigo  
gengibre, fubá

Ezili, loa mouin  
Tou ton cò cè lò  
Bel fanm  
Loa, soti de la mè  
Tou ton cò cè lò

Erzulie, minha orixá  
Teu corpo é ouro só

*Formosa mulher  
Deusa saída do mar  
Teu corpo é ouro só*

*Solèy pas levé  
Larouzé nan bwa  
Larouzé nan pré  
Vini nan chemin  
Sou pyé Ezili  
Fè bobo tou matin*

*O sol vem surgindo  
O orvalho dos prados  
O orvalho dos bosques  
No caminho se espalha  
Para beijar com o dia  
Os teus pés, Erzulie*

*Vini adoré  
Ezili-Fréda-Dahomin  
Loa, soti lan Guinin  
A zié éklè  
Très akajou*

*Venham adorar  
Erzulie-Fredá-Daomé  
Deusa vinda da Guiné  
Olhos flamejantes  
Tranças acaju*

*Ezili!  
Negrèsse cibracan  
Sirène  
Negrèsse flavoudoun  
Vem!*

*Minha inocência  
como um turíbulo  
perfuma-me os sentidos  
esta noite  
como em nenhuma outra  
Quero que venhas a mim*

*faceira como sempre  
mas hoje  
menos caprichosa  
Vem  
esconde-te em meus braços  
e eu te ninarei  
com as fragrâncias  
do meu coração em flor*

*Vem a mim  
como sempre te sonhei  
mas não requebres as cadeiras  
daquela maneira  
para ninguém mais  
Sê terna  
para mim somente  
e todos os teus desejos  
eu satisfarei*

*Ezili!  
Ou ci bel  
Cheri maitrès mouin  
Mouin ap'ba ou  
Mil kado*

*Erzulie!  
Como és bela  
Querida amante  
Sobre ti farei chover  
Presentes mil*

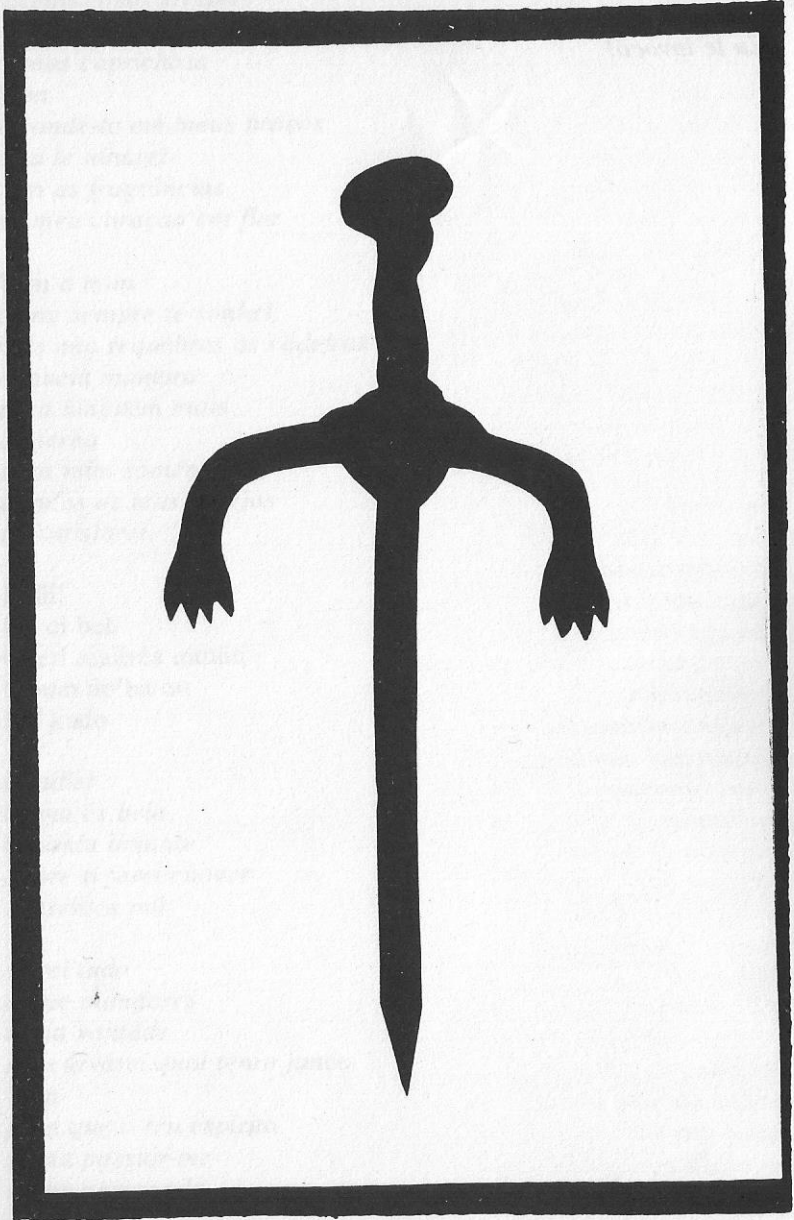
*Farei tudo  
o que mandares  
à tua vontade  
me curvarei qual tenro junco  
Vem  
para que o teu espírito  
possa possuir-me  
Estou esperando  
SALTA!*

**MONTA-ME!**

*Erzulie*

*Eu te invoco!*





## V

### TRANSE

*Nave arrastada  
pela tempestade  
buscando abrigo  
velas rizadas  
desamparada  
lá se encontrava  
a árvore da vida  
no descampado  
esperando  
o despontar do sol  
o frescor das chuvas  
que fazem as folhas  
brotar de novo  
e ao vento  
se desdobrar*

*Quando  
no haussement  
pela primeira vez  
face a face  
com o pilar sagrado me deparei  
mal sabia*

*que à sua sombra  
no reino da luz um dia  
pela tua mão eu ingressaria*

*Depois da bênção  
três vezes  
dei volta ao templo  
beije o altar contrito  
a via dos espíritos, aquele chão bendito  
sem me dar conta que havias chegado  
Não senti sequer o perpassar da aragem  
que fazia tremular as flâmulas  
bruxulear os círios, quase a expirar  
Envolto em minha nuvem  
fui dançando em torno enquanto os tambores  
faziam uma pausa, meio assustados  
para explodir adiante em um frenesi de som  
Eu nada perceberia  
e eles vendo que tu então te ias  
baixaram o ritmo, caindo em calmaria*

*O pai-de-santo dedicou-te nova prece  
e tu o atendeste, atravessando os céus  
pela passagem que Ogum em fúria abriu  
quando com o sabre em dois os dividira  
E te vingaste  
sobre outro baixaste  
furiosa, esporeando o cavalo  
olhos injetados  
qual deusa Zandor  
que aos gritos exigisse  
lhe fosse sacrificado  
um "cabrito sem cornos"*

*Desvairado  
o teu cavalo  
pelo terreno corria  
como se o perseguisse  
um bando de vlinblindungues  
Rolou pelo chão*

boca espumando, em contorções  
envolto em chamas  
o sambenito se incendiando

O pai-de-santo se condeou  
a perdoá-lo te convenceu  
fez com que o infeliz  
os seus votos renovasse  
outra vez te promettesse  
que todas as terças e quintas  
para ti reservaria  
em outra não tocaria  
Em paz deixaste a montaria  
enquanto eu  
ao teu altar fui conduzido  
Um passo  
mais dois ou três  
foi tudo  
estaquei, grudado ao solo  
pés de chumbo  
torso oscilando  
açóltado  
por vento frio

Tal como nuvem  
que corre à frente  
da tempestade  
tapando o sol  
enegrecendo  
um céu de estio  
a mim chegaste  
num farfalhar  
desceste  
sem esperar  
o coro do templo  
as boas-vindas te entoar

A la gnou bèl fanm  
Cè Ezili!  
A la gnou bèl fanm  
Cè Ezili!

*Esta bela mulher  
É Erzulie!  
Esta bela mulher  
É Erzulie!*

*Gelado o peito, vi uma forma  
do pilar do centro  
desenrolar-se  
abrir as asas  
mergulhando a sala  
na escuridão  
escondendo os astros  
que cintilavam por entre as frestas  
do teto de palmas do nosso hounfort*

*Sob meus pés  
tal como eu  
tremia a terra  
em convulsões  
Catapultado  
por força estranha  
rolei em espasmos  
Estrangulado  
por mão de ferro  
lutei por ar  
num esforço extremo pude gritar*

*On vlé mangé rézon mouin  
Rété là, lè mouin pas ancò rivé  
Mouin pas gagnin chance, mézami!  
Mézami, sondé miwa  
Miwa cè kouto débordre  
Mouin pas gagnin chance!  
Créole vlé mangé rézon mouin  
M'ap rélé Ezili-Fréda-Dahomin  
Ezili loa mouin  
Voyé rélé loa pou m'aidé  
Pitit ou yon lan main ou  
Ezili, vini m'sové*

*Tem gente querendo comer o meu juízo  
Alto lá, minha hora não chegou ainda  
Estou perdido, meus amigos!  
Amigos, olhem o espelho  
É um punhal de dois gumes  
Estou perdido!  
Os créoles querem comer o meu juízo  
Apelo para Erzulie-Fredá-Daomé  
Erzulie, minha orixá  
Pede aos espíritos que me socorram  
Teu filho está em tuas mãos  
Erzulie, vem me salvar*

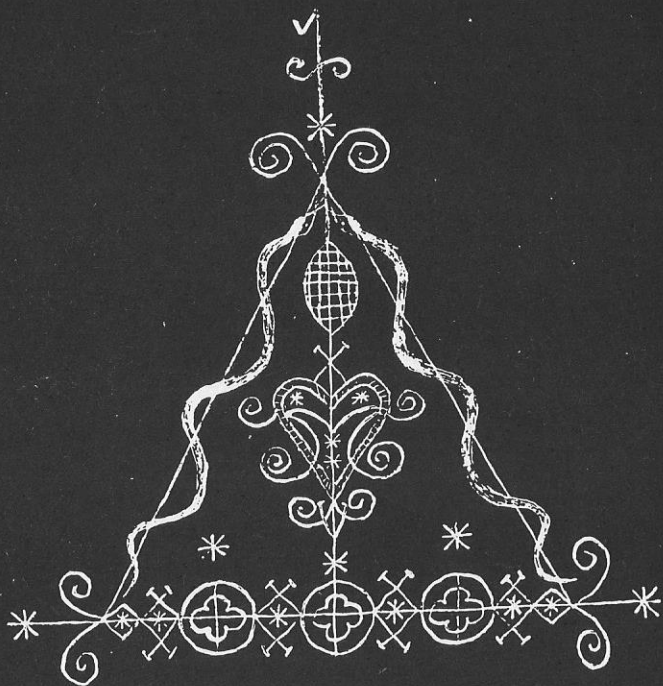
*Amparado  
pela houngenikon  
sou levado a circundar  
o poteau-mitan  
pés arrastando  
cambaleando  
subitamente  
um segundo golpe  
me lança  
sobre uma ponte sem corrimão  
as tábuas se separando  
se abrindo em imenso vão*

*Fui caindo  
lentamente  
as fauces me devorando  
perdendo-se na distância  
as vozes do coro*

*Èzili  
Loa Vodoun  
M'a fê ou kado  
Avan ou alé  
Èzili gran moun  
Li rélé ou  
Pou rentré  
Lan lymié*

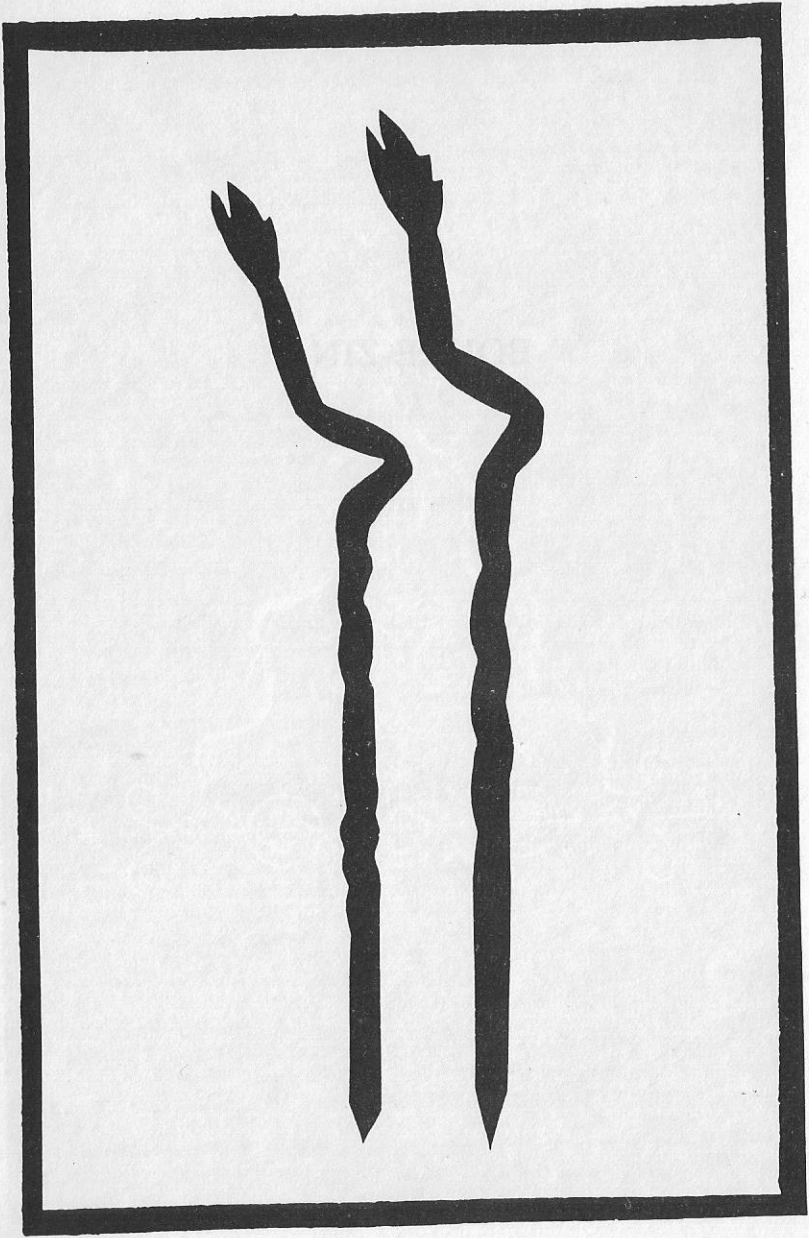
Alé en pé  
Agoé! Agoé!

*Erzulie*  
*Deusa Vodú*  
*Aceita esta dádiva*  
*Antes que te vás*  
*Erzulie, grande orixá*  
*Estão te chamando*  
*Para que reentres*  
*No reino da luz*  
*Vai em paz*  
*Agoê! Agoê!*



## BOULÉ-ZIN





## VI

### DIA

*Calmo  
disposto  
a chegar ao fim  
a qualquer custo  
apoiado contra um feixe de monbin  
aos poucos  
começo a distinguir  
o que me rodeia  
Uma luz suave  
entra pelas frinchas  
do pau-a-pique  
um lençol branco  
puro como a minha alma  
me cobre  
da cabeça aos pés  
vagas formas se agitam  
quase imperceptivelmente  
no chão da cela suas silhuetas  
ganhando nitidez  
na manhã cinzenta  
Do terreiro chegam  
os primeiros ruídos*

*do dia-a-dia  
idas e vindas  
uma voz fresca como o orvalho  
saudando a manhã*

*Oh, le solèy, le solèy, oh!  
Kok chanté kokoliko  
Na kongo solèy levé  
Na Guinin jou louvri  
Kok chanté kokoliko  
Oh, le soléy, le soléy, oh!*

*Oh, o sol, o sol, oh!  
O galo canta cocoricó  
No Congo o sol se ergueu  
Na Guiné o dia se abriu  
O galo canta cocoricó  
Oh, o sol, o sol, oh!*

*Um raio de sol se insinua  
por uma greta no barro da parede  
pelo quarto enviesa, joeirando  
em seu caminho cristais de poeira  
prêguiçoso detém-se na soleira  
refazendo em ouro o podre da madeira*

*Da cela seguimos esvaziar-se o dia  
que devagar avança em sua órbita  
deixando cair o peso das horas  
rumando em busca de novos quadrantes  
que sabemos existir além do horizonte  
de nós se escapando quando quase ao alcance  
onde o sol se esconde em gesto abrupto  
na maré escarlate mergulhando de súbito*

*Todos os axés estão em seus lugares  
oferendas, pedras de raio  
cravos retorcidos com cabeças de serpentes  
os tripés que sustentam os zins cabalísticos  
sob os quais a perfumada lenha é acendida*

*onde será preparado o alimento divino  
apaziguando assim os deuses  
pagando-lhes nossas dívidas  
o fogo renovando  
as exauridas forças dos govís  
que encerram os espíritos*

*Tudo preparado  
para Gangan fazer os repasses  
traçando sobre o todo com fubá  
os símbolos sagrados  
apresentando os objetos  
aos quatro cantos do universo  
soprando o pó dourado  
e repetindo os consagrados versos*

<i>A TABLE</i>	<i>D'ABORD</i>	<i>OLANDÊ</i>	<i>ADONAI</i>
<i>LISAH</i>	<i>MAWA</i>	<i>KUDIO</i>	<i>SILOEH</i>
<i>LEGBA</i>	<i>ATEGBI</i>	<i>AGWY</i>	<i>SAGBATA</i>
<i>AEILYH</i>	<i>KWEJI</i>	<i>LAMNA</i>	<i>DANGBE</i>

*Pelo fim da tarde  
ouve-se a chamada*

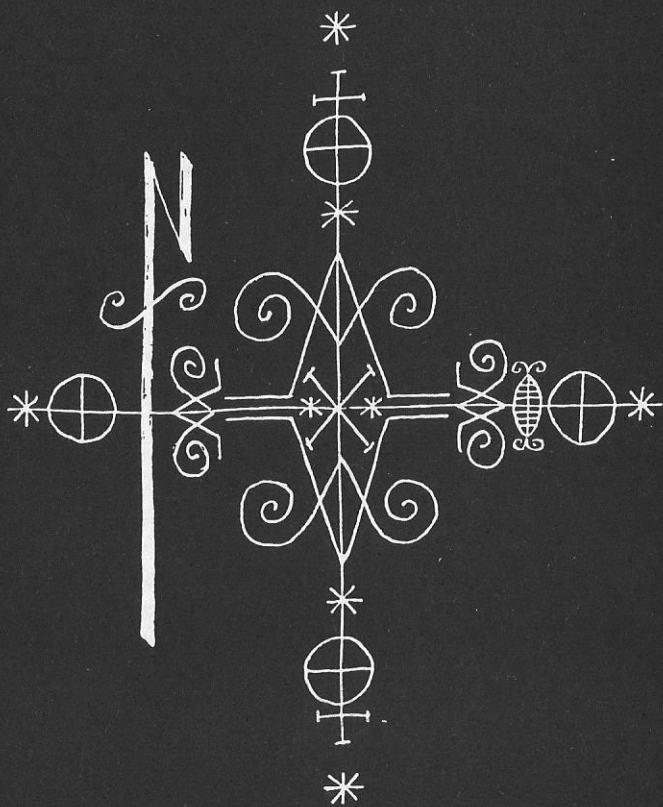
*Tou moun semblé, agoé!  
Tou moun semblé  
Guinin va ou aidé  
Ou vini payé san loa  
Tou moun semblé  
Agoé! Agoé!*

*Todo o mundo junto, agoê!  
Todos juntos, todos  
A Guiné nos ajudará  
A dívida aos orixás  
Com sangue se pagará  
Todo o mundo junto  
Agoê! Agoê!*

*Em tropel, ao redor  
da fogueira que estala  
— campeche odoroso  
pinho resinoso —  
os fiéis respondem ao apelo  
fazem as juras  
tocando no ferro  
mergulhado nas brasas  
batendo no peito  
os punhos cerrados*

*Kimalada semblé, Bolada semblé  
Kimalada ou canni Lafilé Vodoun  
Cè pas mouin sèl pou sévi loa  
Sodiéné Mawu, tou Vodoun loa  
Nous déja Rada, nous Rada déja  
Cè pas mouin sèl pou sévi loa  
Krié, krié, tou moun en kè  
Abobo! Abobo! Abobo!*

*Aradá, meu povo, todos juntos, Boladá  
Povo Aradá, que deste vida à Flor Vodou  
Não sou eu só a servir os orixás  
Honrar Mawu e os espíritos vodou  
Somos todos Radá, Radá somos todos nós  
Não sou eu só a servir os orixás  
Gritemos, gritemos todo o mundo em coro  
Abobô! Abobô! Abobô!*



## VII

### NOITE

*Sorriso aceso  
dentes faiscando  
o pai-de-santo  
entra no terreiro  
a direita agitando  
seu maracá  
de ossos de cobra  
Numa mesura  
abrindo os braços  
em gesto largo  
saúda o povo*

Bonsoir, bonsoir  
Messieurs, dames  
Bonsoir, bonsoir  
M'ap mandé ou  
Qui jen ou yé  
Isit tou moun Rada  
Messieurs, dames  
Tou moun Guinin  
Bonsoir, bonsoir  
Tou moun, bonsoir

*Boa noite, boa noite  
Senhores e senhoras  
Boa noite, boa noite  
Eu lhes pergunto  
Que gente somos  
Aqui, todo o mundo é Radá  
Senhores e senhoras  
Viemos todos lá da Guiné  
Boa noite, boa noite  
Todo o mundo, boa noite*

*Feitas as libações  
aos quatro cantos  
tambores, pilar do centro  
começam as danças  
De início um mahi, como é de praxe  
os pés, velozes, batendo o chão  
levantando poeira num turbilhão  
as pernas, pistões de bronze  
em compasso apressado  
enquanto, liberto, o torso oscila  
em lenta cadência, de lado a lado*

*Uma prece, dita em créole  
invoca Elegbá, o primeiro orixá*

*Atibon Legba, l'ouvri bayè pou mouin  
Papa Legba, l'ouvri bayè pou mouin  
Pou mouin passé  
Lò m'a tounin m'a salué loa yo  
Vodoun Legba, l'ouvry bayè pou mouin  
Pou mouin ça rentré  
Lò m'a tounin m'a remercié loa yo  
Abobo! Abobo! Abobo!*

*Elegbá Atibon, abre a porteira pra mim  
Papá Elegbá, levanta a barreira pra mim  
Para que eu possa passar  
Saudarei os deuses logo que voltar  
Elegbá Vodou, abre a porteira pra mim*

*Para que eu possa entrar  
Agradecerei aos deuses logo que voltar  
Abobô! Abobô! Abobô!*

*É a prece que abre de par em par os portais cerrados  
indica a estrada, a via-sacra que aos deuses conduz  
Por ela seguimos enfrentando a cada passo um desafio  
ladeados por filas cerradas de anjos rebeldes  
espadas prontas, desembainhadas  
deixando atrás os monstros que a mente cria  
surgidos de cantos escuros, pegos e furnas  
encarando górgonas que por encanto se dissolvem no ar*

*Chega o momento do yanvalou  
Formando espiral ao redor do poteau  
contra o relógio, tempo marcado  
as hounsis avançam, dorsos curvados  
mãos nos joelhos, espáduas girando  
bem devagar, com dignidade  
serpente gigante que vai ondulando  
apertando o cerco, estrangulando  
Tambores, fiéis, coro, elevam uma súplica*

*Yanvalou mouin, Papa!  
Papa Legba cè gros loa  
Gran chemin barré, yo lou!  
Yanvalou mouin, Papa!  
Yanvalou, Yanvalou!*

*Meu yanvalou, Papá!  
Papá Elegbá é grande orixá  
O longo caminho barrado está, yo lou!  
Meu yanvalou, Papá  
Yanvalou, yanvalou*

*Entra de banda um velhote coxo  
chapéu amassado, fumando pipa  
agarra a cintura de uma iaô  
larga-a em seguida, rodopia ligeiro*

*sobre um bastão seguro entre as pernas  
a terceira delas, mais torta que o cão*

*Com ele levanta a saia da hounsi  
lhe bate com força na bunda empinada  
a moça o repele mas outra o convida  
para trás de uma moíta, o deixa na mão  
no último instante e o velho, impotente  
bufando de raiva, esbraveja em vão*

*Legba vié-zo, Legba vié-zo  
Ou ki poté chapo nan Guinin  
Chapo Legba, vié, chiré  
Bon pou rien, jeté li chemin  
Legba pip, li pas lumé  
Sakit Legba, li pas tabak  
Vié-zo, oh! Vié-zo, oh! Legba vié-zo*

*Elegba velho gagá, Elegbá, velho gagá  
Trouxeste o teu chapéu lá da Guiné  
Teu chapéu está velho, esburacado  
Joga ele fora, não presta pra nada  
Elegbá, tua sacola não tem fumo  
Tua pipa está apagada  
Velho gagá, oh! Velho gagá, oh! Elegbá, velho gagá*

*Com um grito de comando  
Abobô!  
Houngan silencia as iaôs  
As bandeiras se agitam e o coro entoa  
em honra ao deus um novo canto*

*Bonsouà Papa Legba  
Bonsouà Papa Legba  
Papa Legba nans hounfor mouin!  
Papa Legba nans hounfor mouin!  
Papa Legba nans hounfor mouin!  
Ou mème qui poté drapo  
Papa Legba! Nou pou ou service  
Bonsouà Papa Legba*

*Boa noite Papá Elegbá  
Boa noite Papá Elegbá  
Papá Elegbá está no meu terreiro!  
Papá Elegbá está no meu terreiro!  
Papá Elegbá está no meu terreiro!  
É ele mesmo quem carrega a bandeira  
Papa Elegbá! Estamos a seu serviço  
Boa noite Papá Elegbá*

*Satisfeito, Elegbá sai mancando  
pelo braço de uma hounsi*

*Mambo' avança até o pai-de-santo  
os dois se saúdam chocando os assons  
tocando as cabeças duas vezes volteiam  
lentos recuam, para de novo avançar  
Dois a dois, mães, pais-de-santo  
convidados à festa, de todo o lugar  
repetem-lhe os gestos, trocam sinais  
e seguem dançando em fila indiana  
contornando três vezes o poste central*

*Coriscando, galinho de briga  
entra na rinha um jovem houngan  
cerca Gangan e o desafia  
Dando início à torva porfia  
agarrar-lhe o pulso, quer derrubá-lo  
lutam, trocam de pega, atiram pouins  
O velho tropeça, titubeia um instante  
o moço sorri, sentindo que ganha  
afrouxa a pegada, e não cabe de espanto  
ao ver-se comendo poeira, rolando no chão*

*Pausa geral para admirar Laplace  
mestre-sala, que vem brandindo um sabre  
Aterrisa de um só salto junto ao mitan  
saí piruetando veloz como um pião  
por um triz não decependo braços  
Detém-se à espera das gonfaloneiras  
e as faz voltear com airosos meneios*

*Parecem dançar algum minueto  
trazendo de volta o salão da fazenda  
brandões de bambu suas velas de cera  
as iaôs, de branco, as defuntas sinhás  
saídas da tumba ao som da espineta*

*É a vez de Confiance que chega cambaleante  
inebriado pela força que dos colares emana  
tonto, deposita-os aos pés do nosso Houngan  
os maldioques coloridos são distribuídos  
os awessans ajustados às cinturas  
o templo imerso em uma aura de mistério  
Mães e pais-de-santo em meio aos cânticos  
desenham no chão os símbolos voduescos*

*Volutas de pó de barro  
Filigranas de farinha  
Ornatos de ferro batido  
Com cinzas traçados  
Tão bem trabalhados  
Que até se perguntaria  
Se a mão de Biscornet  
Por ali não andaria*

*Uma batida forte do Manman  
anuncia o início das litanias  
a prece Dior, em honra aos santos  
à terra dos avós, aos deuses ancestrais*

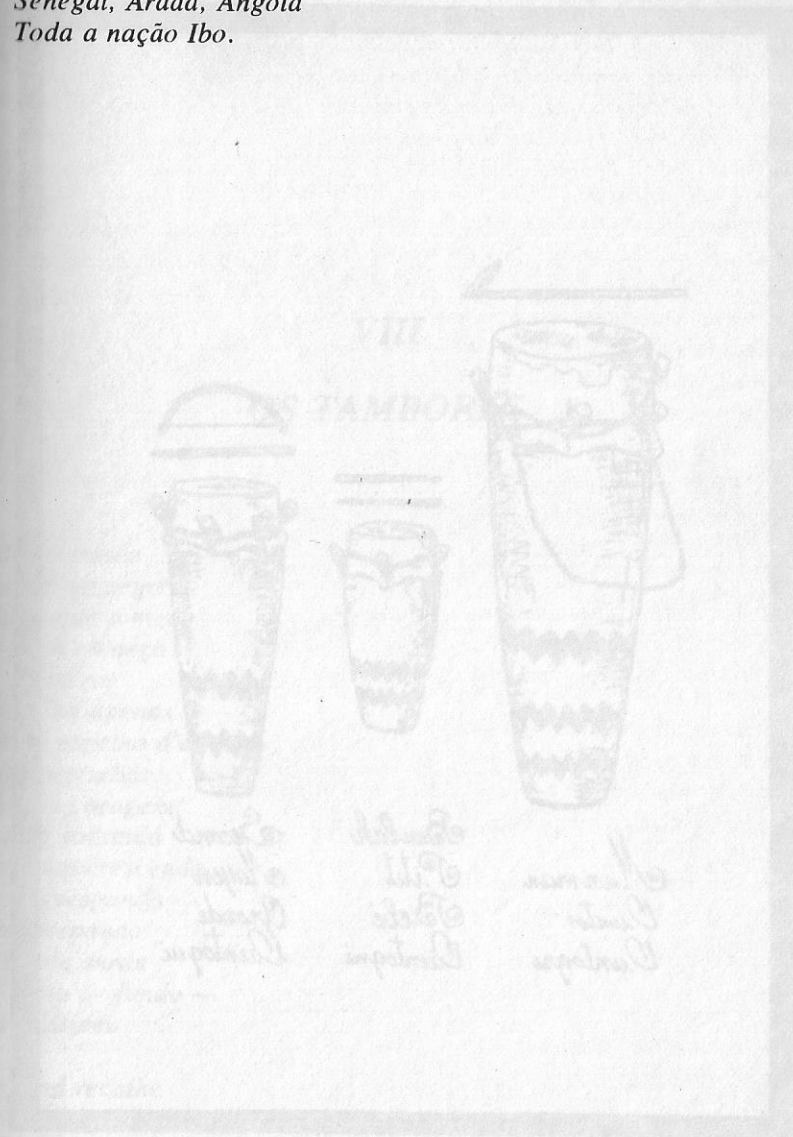
*“Li ki fê solèy kleré ou anro  
Soulève la mè, fê orage grondé”*

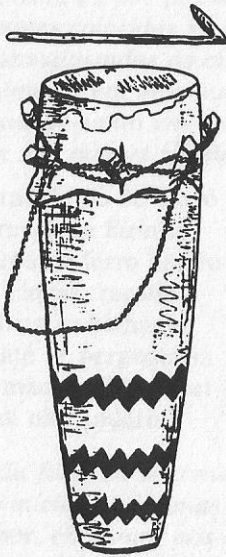
*“Aqueles que fazem o sol brilhar nas alturas  
Agitam os mares, fazem a tormenta rugir”*

*Toute nanchon Kongo  
Toute nanchon Petro  
Sinigal, Arada, Wangol  
Toute nanchon Ibo*

*Toda a nação Congo  
Toda a nação Petrô*

Senegal, Aradá, Angola  
Toda a nação Ibo.





Manman  
Ountor  
Ountoqui



Boulah  
Pilit  
Beli  
Ountogni



Second  
Moyen  
Grondé  
Ountoqui

## VIII

### OS TAMBORES

*Murmurando  
quase em segredo  
como que a medo  
Boulah começa  
a sussurrar  
marulho apenas  
que o espelho d'água  
vem perturbar  
Ganha coragem  
vai se soltando  
vai num crescendo  
se encrespando  
sesobrepondo  
à zoadá surda  
— pano de fundo —  
da multidão*

*Second recolhe  
uma nota solta  
parte-a em duas  
cada metade  
ameaçando*

*subir sozinha  
pauta acima  
se escapulir  
Dedos ligeiros  
as recuperam  
acompanhadas  
de duas outras  
arreatadas  
em pleno ar*

*Os dois tambores  
dialogam  
num desafio  
cada motivo  
é respondido  
sem hesitar  
Rimas que estalam  
inesperadas  
são devolvidas  
bem trabalhadas  
sem desafino  
Vão adiante  
como sozinhos  
naquele mundo  
feito de som  
até Manman  
o tambor maior  
entrar na liça  
com nota alta  
que reverbera  
ricocheteia  
e vai vibrando  
varrendo tudo  
à sua frente  
qual furacão*

*Os dois menores  
logo se encolhem  
vão se calando  
Manman então*

*dá uma parada  
e os três irrompem  
numa explosão*

*Ountor possante  
a voz eleva  
em uma prece  
que quer chegar  
ao reino etéreo  
onde traduz  
toda a esperança  
que está guardada  
nos corações*

*Second  
ecoa próximo  
e em surdina  
se sotopõe*

*Bébé  
acerta o passo  
numa alegria  
cheia de luz*

*As peles dos atabaques  
estão prestes a rebentar  
quando  
um orixá dos mais poderosos  
baixa  
entrando pela cabeça de um rapaz  
moço forte, camisa rubra  
que avança  
fronte abaixada  
boca espumando  
tição ardente  
pegando fogo  
cria baderna  
faz confusão  
há gente caindo  
pelas cadeiras*

*se espalhando  
se pondo a salvo  
do valentão*

*É Taureau, do bando do deus Petrô  
maus bofes, bem conhecido penetra  
quer acabar com a festa  
comprando briga, encurrala uma iaô  
e a atormenta com o seu vozeirão*

*Vini, vini, bèl pitit  
Mouin ap'acheté bèl rob  
Vini, vini, chèri  
Gren mouin frèt, chofé li  
Gren mouin lou, vidé li  
Vini, vini, bèl pitit*

*Vem cá, vem cá, belezinha  
Que eu te compro um lindo vestido  
Vem cá, vem cá, queridinha  
Meus bagos estão frios  
Vem esquentá-los  
Meus bagos estão pesados  
Vem esvaziá-los  
Vem, belezinha, vem*

*Gangan lhe pede que se retire  
e que retorne um outro dia  
terá festa de arromba, o melhor rum  
O orixá não se convence  
diz que já foi enganado  
mais uma vez, pela mesma gente  
neste covil que chamam de templo  
onde lhe deram cachaça ordinária  
comida insossa, mal preparada*

*Por fim apaziguado  
com uma chicá apimentada  
as hounsis descadeiradas  
por violentas umbigadas*

*concorda em se afastar  
Voltará depois das chuvas com a cupinchada  
Preparem-se todos então: leitões gordinhos  
mulher boa à vontade, tamboristas  
da melhor cepa e um barril de Barbancourt  
para mamar, boca na teta, sem respirar*

*Taureau se vai  
e o pai-de-santo, aliviado  
dá um suspiro, faz um sinal*

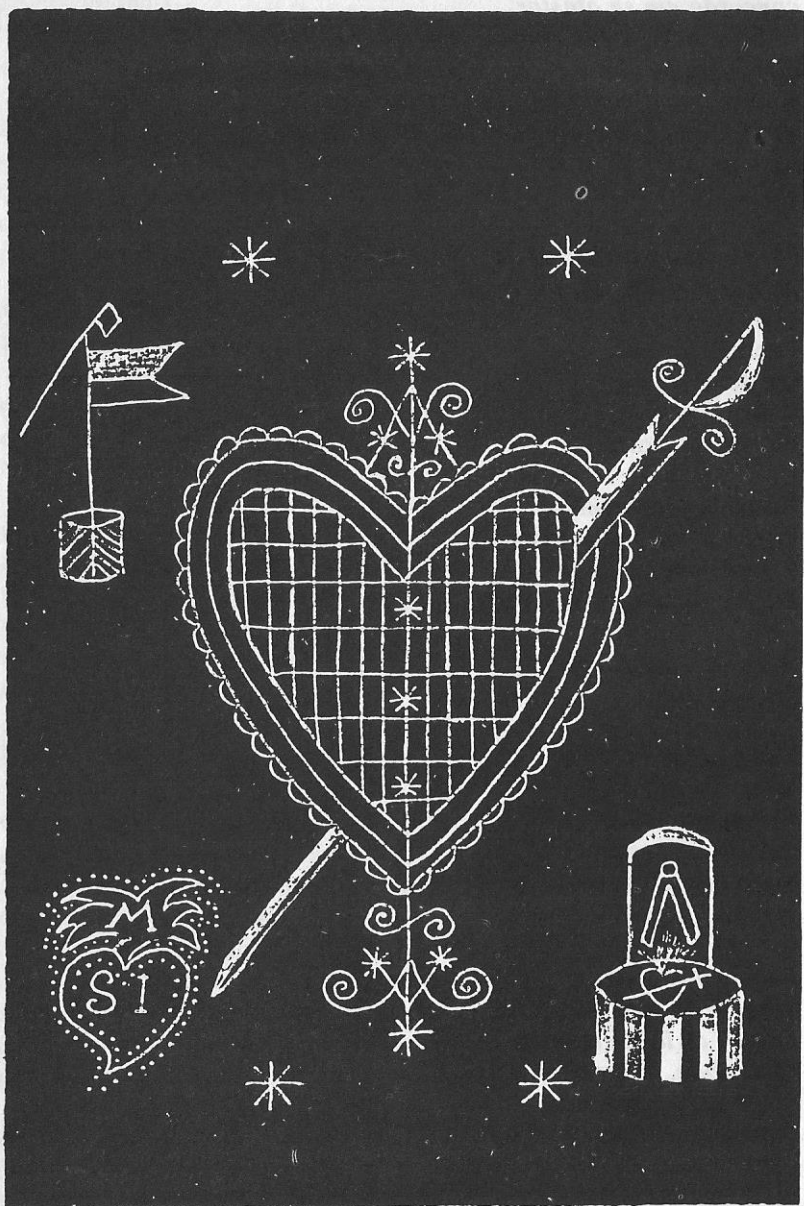
*Hounsi, levé ou  
Ou domi tròp  
Gadé ki lè yè  
Fè hougno entré*

*Hounsis, levantem-se  
Vocês dormiram demais  
Vejam como é tarde  
Façam os hougno entrar*

*A assistência adere  
fazendo coro*

*Fèy nan bwa  
Mété hougno deyò  
Fè hougno entré  
Cè fini, cè passé  
Meté hougno deyò djévo  
Pou nou li gadé*

*Folhas dos bosques  
Tragam as iaôs para fora  
Façam as iaôs entrarem  
Já acabou, já passou  
Tirem as iaôs da cela  
Para que possamos vê-las.*



## IX

### A PROVA

*Silenciosamente  
duas hounsis  
abrem a porta da cela  
olham, sorriem  
entram, pé ante pé  
levantam-me  
sem uma palavra  
Vacilante  
apoiando-me nelas  
sou conduzido  
para fora da camarinha  
Sinto-me mais forte  
a cada passo  
caminho agora só  
os pés  
mal tocando o chão  
avançando ao lado  
dos meus companheiros  
em sincronia  
com o compasso dos tambores*

*Um manto pesado  
cai sobre o templo  
calam-se as vózes  
o tantã silencia  
e nós quais espectros*

*de branco cobertos  
surgimos no terreiro  
vela acesa na mão direita.  
a esquerda tateando em frente  
lutins, almas penadas  
na crina dos poldros as mãos crispadas*

*O mistério se desfaz de súbito  
ao ouvir-se o som estridente do ogã  
e um grito irrompe*

*Agoé!  
Gadé hougnou entré  
Gadé pitit ou  
Li pitit loa  
Y'ap sakré  
Agoé! Agoé!*

*Agoê!  
Vejam os iniciandos entrarem  
Olhem os nossos filhos  
São filhos dos deuses  
Já foram consagrados  
Agoê! Agoê!*

*Descobrimos os rostos  
ao entrar na tenda  
cujo teto parece  
que vai desabar  
amortalhados  
sete palmos adentro  
nos enterrar*

*O pano das paredes  
se intumesce  
velas de nau  
que ao vento se enfunam  
da mestra à sobregata  
da mezena ao joanete real  
Vão nos levando*

*a Lanzilet  
seus verdes campos  
vilas, aldeias  
sob águas plácidas  
para todo o sempre*

*Da penumbra do fundo  
surge Houngan  
recitando uma prece  
em língua Fongbê  
de joelhos nós a repetimos  
beijando o chão a seus pés  
e cheios de temor  
somos levados até o caldeirão*

*Ferverão no pote  
Vísceras de gato  
Línguas de víbora  
Olhos de lagarto?*

*Que compõe o caldo?  
Sangue de morcego  
Peçonha de sapo  
Baba de enforcado?*

*Há ali apenas  
Fubá de milho  
Fruto do trabalho  
De sol a sol  
Setembro a maio*

*A mão de Gangan  
na fervura mergulha  
retira um punhado  
da massa escaldante  
Um a um recebemos  
o fubá em fogo  
nas palmas abertas  
Nossos dedos se fecham  
como sobre um seixo*

que guardasse ainda  
o frescor dos córregos  
que da montanha descem  
o refrigerio  
dos sombreados poços

Bem junto à fogueira  
recebo um sopro  
em pleno rosto

— zéfiro —

Forças estranhas  
de mim se apossam  
fosse o meu corpo  
o de um condenado  
por quatro corcéis  
sendo esquartejado  
Penosamente  
vou me arrastando  
um só pensamento  
alcançar a pira  
purificar-me

O vaivém das chamas  
tomando forma

Erzulie  
deusa  
esposa  
amante

Levanto-me  
estendo os braços  
para a amada  
piso  
os carvões ardentes

Delícia!  
Loucura!

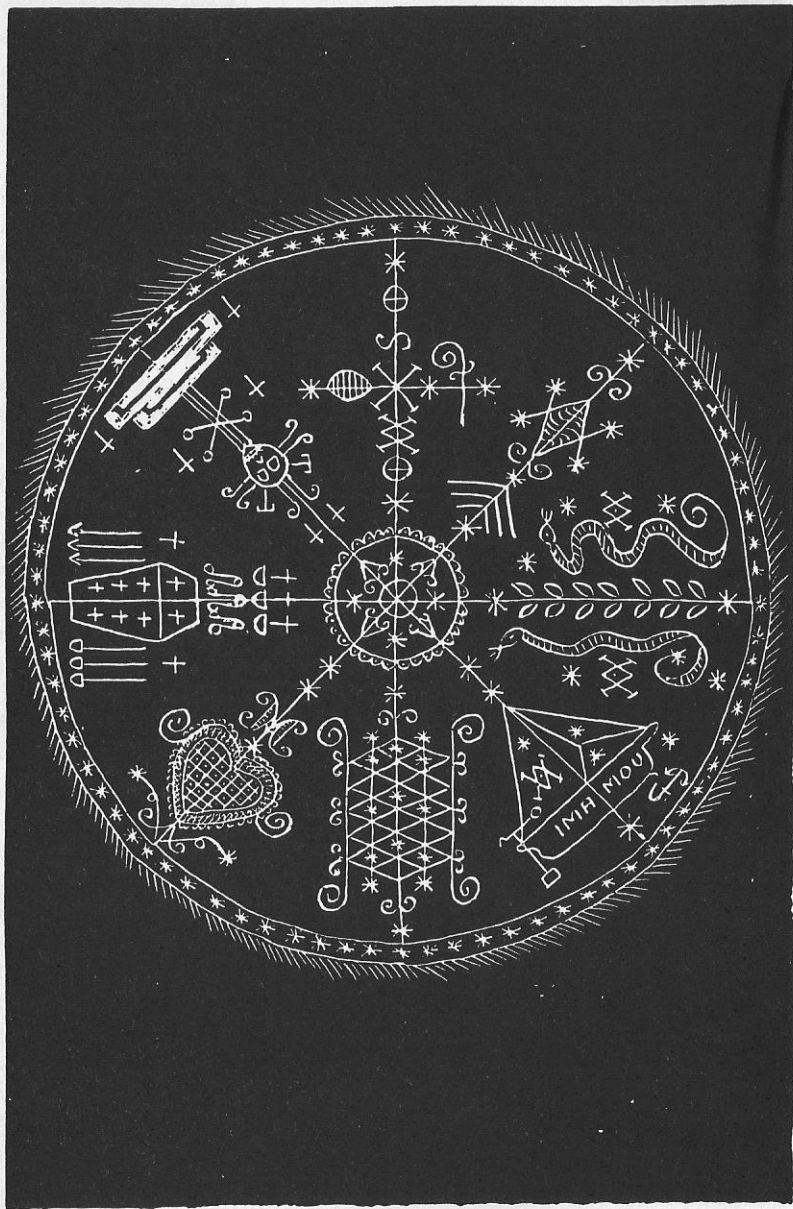
Ela se afasta  
se aproxima  
toca-me os lábios  
língua de fogo

Nesse instante  
um raio me atinge  
caio por terra  
membros, torso  
paralisados  
Sinto puxarem-me  
para longe do fogo  
para longe dela  
Um choque tremendo  
e o anel se rompe  
Fui libertado  
estou em seus braços

Meu coração dispara  
quando ela exclama  
Abobô! Abobô!

Alma em transe  
a mão estável  
salto três vezes  
bato na boca  
e grito alto  
Abobô! Abobô! Abobô!

Disposto  
a qualquer façanha  
a transpor montes  
vales  
atravessar rios  
desertos  
Pronto  
a chegar  
até os confins do mundo  
— a Ifé-aux-Camps —  
enfrentar qualquer perigo  
o fogo do inferno  
espada em punho!



## X

### *DESCIDA DOS ORIXÁS*

*Até a cela  
nos chegam os sons do asson  
o subir e o descer dos cantos  
o staccato dos tambores  
enquanto correm os zins*

*He, ho Papa Legba  
He, ho, planté potó  
Planté potó, Papa Legba  
Ho, he, ho, Papa Legba  
Ho, he, hoho, he, ho*

*He, ho, Papá Elegbá  
He, ho, bate os cravos  
Bate os cravos, Papá Elegbá  
Ho, he, ho, Papá Elegbá  
Ho, he, hoho, he, ho*

*No terreiro o ritual prossegue  
recebidos com palmas  
gritos de alegria  
na ordem prescrita*

*baixam os espíritos  
e montam seus cavalos  
Ayizan Velequetê  
Lokô  
Azaká  
Simbi  
e o grande Damballah*

*Shsh shsh shsh  
Ouve-se um silvo  
e logo  
em baixa oitava  
Kekê, kekê kekê*

*Dardejando a língua  
por entre os dentes  
um fiel rasteja  
em direção ao tanque  
do deus-serpente  
Está vazio  
Sobe pelo repousoir  
perguntando por que  
em plena estação  
a sua morada  
despiu o manto  
cor de salmão  
A árvore está morta!*

*Damballah furioso  
diz que foi insultado  
que destruirá o templo  
enviará uma praga  
acabará com as colheitas  
com aquela ingrata gente  
A muito custo aceita  
a explicação  
que é Simbi o responsável  
O espírito das águas  
secou a nascente  
lá no fundo do grotão*

*Tentado pela promessa  
que Gangan lhe faz  
de vinho branco  
champanhe talvez  
desce da árvore  
mas vem protestando  
que  
para tanto descaso  
a melhor cura  
seria um trago  
de bagaceira*

*Vem se queixando que nesta ilha  
não lhe deram ainda um templo  
que chegue aos pés do de Ajuda  
nem uma alameda que se compare  
com a que tinha em Somorné  
onde, pelo ano afora  
desde o primeiro plantio  
até o final das colheitas  
todo o mês lhe traziam virgens  
em procissão de tambores e címbalos  
trombetas feitas de presas  
de elefantes, gnus e gamos  
a cobra sagrada em gaiola dourada  
as dangbesis entoando hinos*

*De repente tudo pára  
Damballah se cala  
Abrem-se alas para um recém-chegado*

*É Agüê  
mulato claro  
olhos verdes, cílios longos  
mais de dois metros de altura*

*A bateria, com um toque macio  
imita o marulhar das ondas  
contra o costado da sua barca  
Crescem, formam um vagalhão*

*que alça o deus, de um golpe só  
por cima dos arrecifes  
deposita-o na areia, sem um arranhão*

*No templo ressoa  
o estampido de um canhoneio  
saudando, como é costume, o deus do mar  
a bateria vai caindo em surdina  
o terreiro silencia  
para ouvi-lo contar  
uma estória de espantar*

*Como  
por muitos dias  
das ilhas de Cabo Verde  
até as de Sotavento  
havia seguido  
um medonho abutre  
azul-negrume  
voando adiante  
dos ventos alísios*

*Como  
fugindo de uma tempestade  
a ave sinistra  
buscara abrigo  
atrás de uma ilhota  
cercada de abrolhos  
fizera-se ao largo  
buscando escapar  
ao raiar do dia  
e Agüê dera uma salva  
ordenando que se rendesse*

*Como  
o monstro fizera subir  
para o tombadilho  
acorrentados  
— longo rosário —  
os prisioneiros  
nos porões encerrados  
os jogara pela amurada*

*antes que Agüê pudesse usar  
seus ferros de abordagem*

*Como*

*afundara a nave*

*e os golfinhos que por ali nadavam*

*mergulharam mais de mil braças*

*trouxeram à tona nossos irmãos*

*romperam suas cadeias*

*depois os levaram*

*de volta à costa d'África*

*em seus dorsos montados.*





F-xi-li oh Li-xi-li eh

## XI

### A DANÇA DOS ORIXÁS

*Um rataplã  
anuncia a chegada do deus da guerra  
Ogum  
que nos comandou  
na era das baionetas  
Ensinou-nos vingança  
como lutar, sem dar quartel  
contra os senhores  
e os desalmados capitães-do-mato  
Na sua fornalha, dentro da terra  
fundia balas  
forjava espadas, sabres, machetes  
de fina têmpera, tão afiados  
por carne e osso cortavam  
como se pernas e braços  
fatias de mamba fossem  
A ele devemos  
nosso grito de guerra  
Brulé caille  
Coupé têt!  
Queimar casas  
Cortar cabeças*

*Sustentou nossos quadrados  
contra o inimigo  
nos impeliu vezes sem conta  
contra as colunas  
que ascendiam no assalto à Crête  
Sobre elas caíamos, comendo fogo  
bebendo sangue dissolvido em pólvora  
tomando os canhões na raça  
enquanto a metralha, sem piedade  
nos dizimava*

*Mães, pais-de-santo, todas as iaôs  
não têm mãos para servir os Oguns  
À frente Badagris, seguido do filho  
Ogum Ferreiro, grande soldado  
o maior garanhão, homem de Estado*

*Fè, Ogou Fè, Ogou Fè, oh!  
Fè, Ogou Fè, Ogou Fè, oh!  
Cè gran nèg politik  
Cè jénéral sanglan  
Cè nèg Ferrai, cè nèg Nago  
Fè, Ogou Fè, Ogou Fè, oh!*

*Ferro, Ogum Ferro, Ogum Ferro, oh!  
Ferro, Ogum Ferro, Ogum Ferro, oh!  
É grande nego da política  
É general sanguinário  
É nego ferreiro, é nego Nagô  
Ferro, Ogum Ferro, Ogum Ferro, oh!*

*Atrás dele vêm Ashadê e Olixá  
herboristas, grandes feiticeiros  
gente perigosa, sempre exigindo  
galos vermelhos, charutos, rum  
Balindjô, Ossanguê, o de doze nomes  
e seus amigos, Babá, Bayê, Ogum Panamá  
loa que mora em um coqueiral  
tem um chapéu de abas tão largas  
derrama mais sombra que um mangueiral*

*Uma feira inteira, de A a Z  
um nó em torno de Zancannincan  
que bebe sangue com Badagris*

*Por fim Xangô  
com seu ar superior  
é introduzido por um toque de alujá  
Ele é de fato um Ioruba visitando os Aradá  
Orixá dos mais poderosos  
tem tanta força como vinte e um  
Senhor da tormenta, quando se enfurece  
cospe raios, arrota trovões  
desencadeia mil furacões*

*Flutuando vestida de organza  
Erzulie, a Vênus vodú  
entra fazendo a maior sensação  
Procura o marido, Ogum Badagris  
dá umas voltas a ele enlaçada  
o larga em seguida  
Percorre o terreiro  
para os homens tem doces palavras  
piscares de olhos, longos abraços  
às mulheres mostra, acintosamente  
dois dedos em V, cobertos de anéis*

*Sai dançando de olhos fechados  
com Agüê e Badagris  
que os surpreende trocando carinhos  
censura a leviana e furioso  
investe sobre o seu melhor amigo  
Erzulie implora, torce e retorce as mãos  
enquanto os deuses se insultam  
cobrindo dez gerações  
Damballah, diplomata nato  
tenta acalmá-los  
É interrompido por um agudo grito  
de Erzulie, que ofendida*

*dá dois tapas em um tipo horrendo  
que por força a quer abraçar*

*Vesgo, cara inchada, enfarinhada  
vestindo andrajos azinhavrados  
ouvidos tapados com algodão  
o hálito mais detestável  
que os palavrões que vem vomitando*

*Envergonhadas, as moças escondem os rostos  
ao ouvir as propostas que ele lhes faz*

*Pitit, pitit  
Gadé bel pine  
Papa Gédé  
Cè lon, cè di  
Vini touché  
Gros malanga  
Papa Gédé  
Cè bon, cè dou  
Vini gouté  
Bel pitit*

*Fiinha, fiinha  
Óia o cacete  
Do Papá Guede  
Como é duro e compridão  
Põe a mão  
No mandiocão  
Do Papá Guedê  
Vem prová  
Que gostosão  
Vem, belezinha*

*Mouin vini lan zozo  
Lan pil langèt  
Nèg là fè li travayé  
Jou, noui entié  
Froté bounda  
Fè li peté*

*Tô chegando da terra dos caraio  
Lugá de muita xoxota  
Os nego de lá faiz elas trabaia  
Dia e noite sem pará  
Esfrega as bunda  
Faiz elas peidá*

*O clã dos Guedês, a malta toda  
pitando charuto, chapéu-de-coco  
cai sobre a festa como um enxame  
de gafanhotos, iniciando uma banda  
bolinando as garotas  
empurrando os demais orixás  
que, desgostosos, partem sem esperar  
os cânticos de adeus tradicionais*

*A ordem é restaurada por Baron Samedi  
que sai distribuindo, generosamente  
à direita e à esquerda, imparcialmente  
bordunadas com seu porrete  
o coco-macaque famigerado*

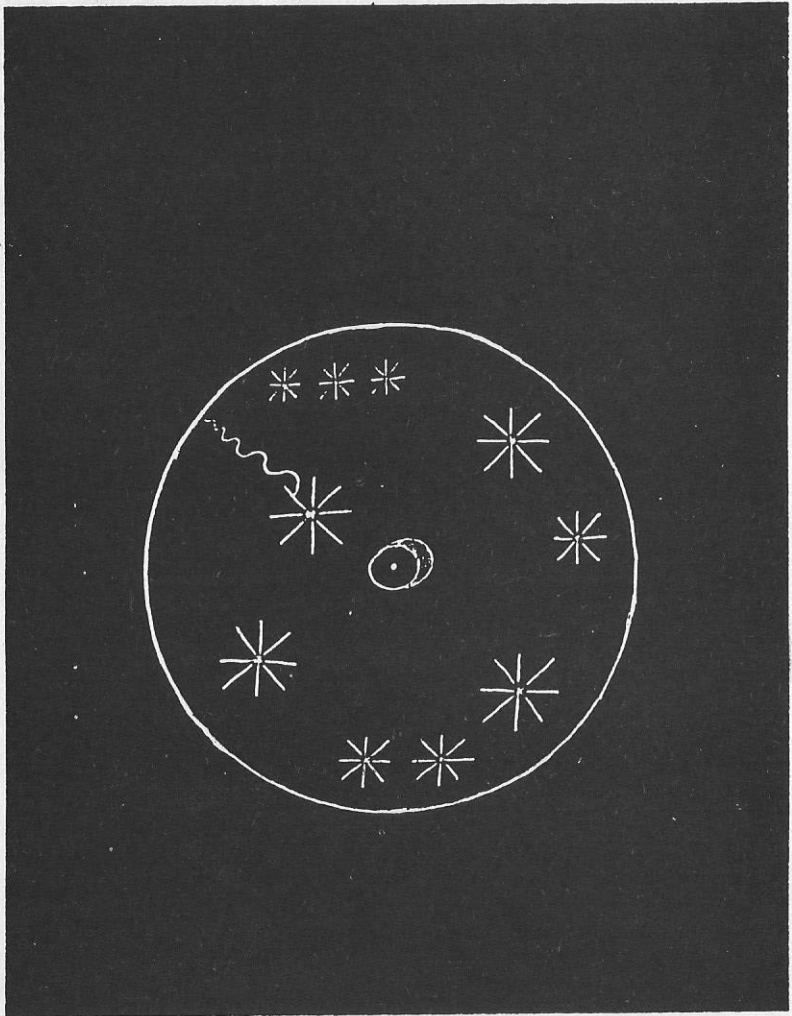
*Para agradar o deus da morte  
círios negros são acesos  
um bode preto é sacrificado  
por uma jovem mãe-de-santo  
metida em uma bata longa  
de cruzeiras brancas toda enfeitada  
que se requebra para o orixá  
da maneira mais provocante  
Baron faz que não liga  
repõe os óculos, ajeita o fraque  
o chapéu alto e entra na roda  
em meio aos abilólôs da confraria*

*Os zins colocados sobre o fogo estouraram  
são esmigalhados conforme o rito  
enterrados com os restos dos sacrificios  
As hounsis nivelam o terreno*

*sapateando sobre ele, fazendo cordão  
as mãos nos ombros das que à frente vão*

**Dia rélé, dia, dia, kéké, kéké dia, dia kéké  
Gédé Nibo! Dia, dia kéké, kéké dia, dia kéké  
Baron Samedi! Dia, dia kéké, kéké dia, dia kéké**

*Vão-se os sacerdotes, o terreiro se esvazia  
Laplace, porta-bandeiras, guardam os estandartes  
Exaustos, os tamboristas são substituídos  
por outros que, com o zelo de novatos  
a bateria atacam com vigor  
para alegria dos mais jovens  
que seguem dançando até o sol  
surgir por trás das colinas.*



## XII

### MISTÉRIO

*Na cela deitado  
revolvendo-me ainda  
pelas esferas  
ouvindo os ecos  
dos seus coros  
da tua voz  
Erzulie  
desperto  
e toco o chão  
para assegurar-me  
que estou de volta*

*Abro os olhos e de cima  
rostos ansiosos me observam  
Papá Houngan  
enxuga-me o rosto  
tranqüiliza-me  
com palavras de conforto  
que mal entendo*

*Tento relembrar  
o que se passara*

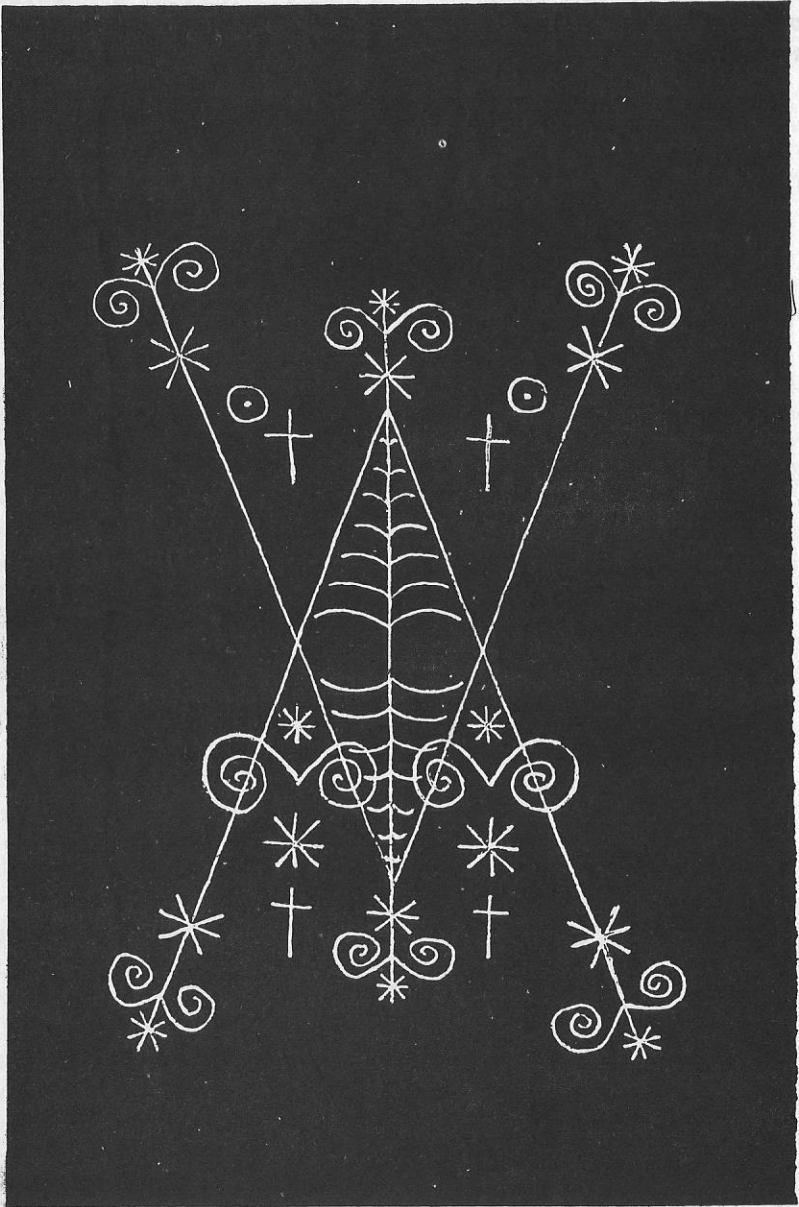
após ter perdido o domínio  
sobre mim mesmo  
ao sentir o sangue  
bloqueado nas têmeoras  
frágeis barragens  
cedendo ao embate  
do martelar incessante  
ao sentir uma lâmina  
seccionar-me o cérebro  
uma luz me cegando  
branco candente

Qual fora a força  
que de mim se apossara  
me transportara  
pela imensidão  
para além da última fronteira  
seguindo as curvas  
que ao longo dela se arqueiam  
torcidas em busca  
dos mais longínquos marcos  
onde o espaço  
distendido ao limite  
volta-se contra si próprio  
a devorar-se começa?

De que maneira  
em uma só noite  
atrás de mim deixara  
os envoltórios  
de miríades de estrelas  
há milênios extintas  
perpassara  
implosões de mundos  
entre si colidindo  
eternamente se aniquilando?

Onde encontrara eu ânimo  
para varar as paredes  
daqueles buracos negros

*onde até a luz  
se mantém prisioneira  
onde a matéria  
dissolve a matéria  
para enfim de si mesma  
se libertar?*



### XIII

## A SAÍDA DOS INICIADOS

*Nessa manhã de domingo  
em silêncio repousamos  
até Manman Houngno chegar  
com as suas hounsins  
a fim de nos preparar  
para os últimos ritos  
Vestidos por elas  
saímos do djévo dois a dois  
levando nos braços ramos de rosas  
de flores silvestres  
chapéus enterrados nas cabeças  
para evitar o mau-olhado  
de algum espírito  
vagando pelo ar  
contra o qual  
nem cruz nem amuleto  
surtem efeito*

*Laplace, porta-bandeiras,  
Houngan, agitando o asson  
as iaôs, portando oferendas  
encabeçam a procissão*

*Em primeiro lugar vamos à barreira  
saudar Elegbá  
depois os demais orixás  
nos seus repousoirs  
damos volta ao túmulo dos Guedês  
e de regresso ao templo  
nos prostramos diante dos altares*

*Enquanto espero pelo Pè Savanne  
reflito*

*Pela tua mão  
em algumas horas apenas  
atravessei espaço e tempo*

*Graças a ti*

*Erzulie*

*tive uma visão do infinito  
pude ver, refundidos*

*os elos partidos*

*que o passado traga*

*e que à noite retornam*

*quando*

*só em si mesmo*

*se pode buscar abrigo*

*A modorra*

*no calor do ventre*

*reabsorvendo a mente*

*o seio*

*a que o infante se aferra*

*os passos incertos da criança*

*as primeiras angústias*

*as vergastadas dos anos*

*o peso nos ombros*

*a luz*

*a ser atingida*

*Sou por fim conduzido ao teu peji*

*onde minha madrinha*

*face iluminada*

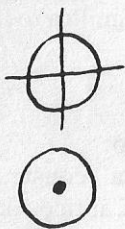
*me espera*

*Em meio a hinos  
em louvor à Virgem  
o Père Savanne  
diz uma oração  
e com água-benta, perfumada  
me batiza*

*Assim terminou a cerimônia do Boulé-Zin  
e sob o pálio, todos de branco  
os rostos escondidos  
por fimbrias de palma  
atadas aos chapéus de palha  
aos pares saímos, em grande pompa  
para saudar nossos irmãos.*

## NOTAS SOBRE AS ILUSTRAÇÕES

O traçado dos diagramas rituais, ou *vèvès*, obedece a regras tradicionais (ver Glossário), e cada um deles tem o seu simbolismo particular. Para auxiliar o leitor a compreender os *vèvès* que ilustram o poema, seguem-se notas explicativas dos signos voduescos utilizados, bem como uma descrição minuciosa de cada uma das ilustrações.



O *poteau-mitan* ou poste central, a via dos espíritos (*loas*), e o eixo em torno do qual são revelados os mistérios do vodu. O Universo; o Sol; a essência e o começo da vida.



A estrela de oito pontas do vodu, chamada *point d'arrestation* (ponto de parada ou pausa), ou *point d'embellissement* (ponto de embelezamento), representa os pontos cardeais e colaterais da rosa-dos-ventos. Signo da vida eterna, a estrela simboliza divindade, poderes sobrenaturais, conhecimento esotérico, beleza.

*Point* (Ponto). Origem, fonte da vida, dos poderes sobrenaturais ou mágicos e da sabedoria.



Signo do *asson*, o chocalho ritual usado pelos sacerdotes do vodú.



Signo exclusivo de Erzulie: amor, piedade, beleza, sensualidade.



Iniciais de *Maîtrese Erzulie* ou Erzulie-Fréda-Dahomey. Muitas vezes apenas um M é usado nos seus *vèvès*.



Sinal andrógino. O V inferior (feminino) e o V superior (masculino) significam a união dos sexos e a fertilidade. O ponto significa o início da vida.

Chifres de carneiro:

- a) A primeira constelação do Zodíaco, Capricórnio, representa Ogum Badagris, chefe do clã dos Ogum e deus da guerra;
- b) signo dos Ogum, guerreiros e ferreiros, segundo a tradição, simboliza fogo, guerra, vitória e poder, bem como os seus trabalhos em ferro;
- c) signo do cordeiro, significa sacrifícios, oferendas.





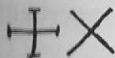
Energia divina, vida



Bordão e muleta de Elegbá, símbolo do poder, sabedoria e velhice da divindade considerada a mais antiga pelos haitianos. Segundo alguns autores, o falo, símbolo do Elegbá daomeano, foi transformado no Haiti no seu bordão ou muleta.



A semente da vida. Poder seminal, fecundidade. No *vèvè* de Elegbá, possivelmente um remanescente do símbolo daomeano do deus.



Beco sem saída. Encruzilhada. Os quatro pontos cardeais.



O Universo, seus eixos horizontal e vertical. A Terra, suas encruzilhadas, vias circulares e desvios de caminhos.



A trindade vodu: Elegbá, Damballah e Erzulie. Os três elementos do triângulo Água, Terra, Fogo.



Os deuses-serpente Damballah, à esquerda, e sua mulher Ayida, à direita. O ramo e as flores simbolizam a árvore da vida e também os lugares de repouso (*repositoires*) dos deuses.



Ramo de palmeira-real, símbolo sempre presente nos *vèvès* de Ayizan, significando pureza de alma, compaixão e beleza espiritual. Em alguns casos, representa a caixa torácica de um noviço.

AV  
~~~~~

IMAMOU



Iniciais de Ayizan Velequetê.

Signo da água.

A barca de Agüê, o deus do mar, a qual recebeu o nome de uma aldeia africana, Imamou.

Zins, potes usados para preparar os alimentos dos deuses.

Nos *vèvès* de Baron Samedi e dos Guedês, o símbolo da morte certa; em outros *vèvès*, devoção, sofrimento. Em alguns casos, cruzes isoladas indicam caminhos e encruzilhadas.

Falo: procriação, vida, vida terrena, sexualidade.

Gamela ou marmita de Guedê-Nibô, o maioral guedê, ou a caixa de som do tambor *maringouin*, uma espécie de berimbau, único instrumento musical dos Guedês.

## ILUSTRAÇÕES

### CAPA MAÎTRESSE ERZULIE, A DEUSA DO AMOR

O *vèvè* de Erzulie é sempre representado por um coração, geralmente acompanhado da inicial M (*Maîtresse*: amante, senhora). Na presente ilustração, está encimado por ramos de palmeira real e por uma estrela voduesca significando amor divino e beleza eterna. O eixo central representa o *poteau-mitan*, em torno do qual os deuses se revelam. Uma estrela de oito pontas confere caráter sagrado a um símbolo de oferenda, demonstrando a gratidão de Erzulie pelas dádivas recebidas dos seus admiradores.

### MAPA DO HAITI E DE LAN GUININ

Neste mapa mítico, estão representados o Haiti (evidentemente fora de escala) e a África, ou Lan Guinin. Uma linha simbólica une a cidade sagrada de Ifé, em Lan Guinin, a Ifé-aux-Camps, cidade imaginária que a tradição situa na península noroeste do Haiti. Na costa ocidental da África, as *nanchons* ou nações que mais contribuíram para a cultura vodu do Haiti: Senegal, Daomé, Aradá, Ioruba, Nagó, Congo, Mondongue e Angola. Os antigos reinos de Gana, Mali, Benim e Songhai também estão indicados. No mapa do Haiti, alguns dos lugares mencionados no poema: a montanha La Selle, as ilhas Arcadins, o rio Artibonite, o maior do país, a cidadezinha de Anse-à-Veau, bem como

as quedas de água Saut d'Eau e Saut Mathurin, onde são realizadas cerimônias do culto vodu em determinadas épocas do ano e que atraem multidões de peregrinos e visitantes.

## II *VÈVÈ DOS TAMBORES*

O vodu haitiano possui três baterias de tambores usadas nos respectivos ritos: Radá e Congo (três tambores cada) e Petrô (dois tambores). A bateria Radá, aqui representada, é a mais vibrante delas, e compreende três tambores tipicamente daomeanos, no Haiti denominados Manman, o maior, Second, o de tamanho médio, e Boulah, o menor. O *vèvè*, uma estilização da bateria Radá, está traçado sobre um eixo sagrado e entre os signos da energia e da imortalidade. Cada um dos três círculos representa um dos tambores, e os raios correspondem aos pinos de madeira que esticam a pele que cobre a cabeça do tambor. Sobre cada atabaque, de cima para baixo, Manman, Second e Boulah, as *baguettes* usadas para tocá-los. Abaixo dos tambores, e entre os dois signos da energia e da vida, o ogã, sino achatado de metal que marca o ritmo, soado por uma vareta metálica.

## III *O UNIVERSO VODU*

Elegbá, a primeira divindade a ser invocada, Mestre dos Caminhos e das Encruzilhadas e Guardião dos Portais, é também o mistério solar e o centro do universo, com poderes para dividi-lo em partes iguais. Damballah, o deus-serpente, preside sobre a sua harmonia auxiliado por 13 *loas*, representados no *vèvè* sob a forma de serpentes, uma delas Erzulie. Juntos, somam sete valores espirituais e sete atributos materiais. A estrela central é formada por Vs cruzados, simbolizando os poderes criativos que descem da mente (pensamentos) e que ascendem do coração (sentimentos). Os três círculos representam os estados supremos da perfeição: ação, contemplação e voluptuosidade. (Cf. Rigaud, 1958: 266-7, 314-5; Métraux, 1972:101).

## IV *VÈVÈ DE AYIZAN-VELEQUETÊ*

Mulher de Elegbá e uma das mais antigas divindades vo-

du, Ayizan é invocada no início das cerimônias, logo após Elegbá e Lokô-Atissô. Protetora dos templos, mercados, lugares públicos, portais e caminhos, a deusa é considerada uma velha que está sempre caminhando. Espírito exorcista e purificador, tem um papel muito importante durante o ciclo de iniciação, ensinando e protegendo o noviço. Seu símbolo é um ramo de palmeira real (*palmiste*) e em sua honra tem lugar o *chiré-ayizan*, o desfiar dos ramos de palmeira durante a iniciação. O *vèvè* representa a palmeira real brotando da semente da vida em direção ao infinito, rodeada de estrelas, simbolizando a sabedoria e os conhecimentos esotéricos de Ayizan. Na parte inferior, cruzes e setas indicam estradas e encruzilhadas por ela protegidas. Como em muitos dos seus *vèvès*, o emblema de Ayizan figura aqui entre as suas iniciais.

#### V *CORAÇÃO DE ERZULIE*

O coração de Erzulie, dividido em inúmeros quadrados, simboliza a generosidade com que ela compartilha suas afeições. Para cada um dos amantes, o seu amor brilha como um sol, representado por um ponto. O *vèvè* é completado por diversos signos astrais e de oferendas, e por um V, o símbolo sexual feminino. O efeito rendilhado expressa a feminilidade de Erzulie.

#### VI *MELODIA DE ERZULIE*

Sempre que o seu nome é invocado pela primeira vez, utiliza-se a frase dó-mi-sol. Invocações subsequentes poderão ser em lá-sol-lá. A pergunta “*koté ou yè?*”, “onde estás?”, é uma variação de uma primeira frase, lá-dó-si-ré. As melodias de Erzulie, sem dúvida os mais difundidos de todos os ritmos do vodu, são tocadas no modo lídio: doce, por vezes plangente. (Cf. Maximilien, 1945:205).

#### VII *INVOCAÇÃO*

As invocações constituem parte fundamental do ritual voduésco, sendo cada divindade invocada logo após ser traçado o seu *vèvè*. Além da fórmula de invocação, cada *loa* tem cantos invocatórios especiais, que são acompanhados pelos tambores. Nesta invocação a Erzulie, a maioria dos

títulos e denominações não pode ser traduzida. Aproximadamente, as palavras querem dizer: “Pelos poderes: Senhora Lua, Bela Vênus, em nome da mulher Sol Brilhante, em nome da Senhora Erzulie-Fredá-Daomé (...) Negra Flor Vodou (...)” As expressões Agô, Agocy, Agolá marcam o final tradicional das invocações a todas as divindades.

#### VIII *ASSEN*

Suporte ritual de ferro usado durante as cerimônias, geralmente antropomórfico, representando os ancestrais. Nos ritos de iniciação, os *assen* sustentam velas e outros objetos.

#### IX *VÈVÈ DO BOULÉ-ZIN*

O triângulo simboliza a tríade vodou: Elegbá, Damballah e Erzulie. No cimo do eixo central, a muleta de Elegbá e o signo do *asson* conferem solenidade e autoridade à ocasião. Na base do triângulo estão representados três recipientes rituais de barro ou de ferro, os *zins*, contendo os bolos de fubá usados durante a cerimônia da “queima dos potes”. Os símbolos de Damballah e de Ayida-Wédo completam o triângulo, enquanto a semente ou grão de fertilidade de Elegbá e o coração da Senhora Erzulie constituem os motivos centrais do *vèvè*. Em cada um dos três ângulos, signos estelares e de oferendas.

#### X *OS DEUSES-SERPENTE*

Damballah-Wédo e sua mulher Ayida-Wédo são espíritos aquáticos e celestiais, de origem daomeana. No interior dos *houmforts*, ou templos vodou, os emblemas dos deuses em ferro batido, pintados, ou simplesmente desenhados, são colocados sobre pequenos tanques especialmente construídos em sua honra junto a um altar (*kpé*) ou próximos ao poste central (*poteau-mitan*).

#### XI *LEGBA-ATIBON, GUARDIÃO DOS PORTAIS*

Legba, ou Elegbá, é uma divindade de origem daomeana, o filho mais jovem de Mawu e Lisah, os criadores do mundo. Brincalhão, por vezes perverso, o Elegbá do

Daomé é o mensageiro dos deuses e o espírito da fecundidade. Protetor dos viandantes, caminhos e encruzilhadas, os signos fálicos que o representam são encontrados na África, com freqüência, à beira das estradas e cruzamentos. No Haiti, Papá Elegbá, considerado a mais antiga divindade pela maioria dos vodúístas, além do título de Senhor das Encruzilhadas, caminhos, pontos de trânsito e becos sem saída, é ainda quem detém a chave para as fontes tanto da vida terrena quanto da vida eterna. Paradoxalmente, no Haiti ele é personificado por um velho coxo e andrajoso cuja senilidade, guardando resquícios das suas características eróticas daomeanas, é por vezes ridicularizada. No *vèvè*, o bordão, à esquerda, simboliza sua idade, mas também o seu poder e sabedoria. À direita, o signo da fertilidade. As estrelas indicam proteção divina sobre os quatro pontos cardeais.

## XII

### TAMBORES RADÁ

A bateria ou orquestra Radá (ver ilustração II, *Vèvè dos tambores*) compreende três atabaques. O maior é chamado Manman, Ountor ou Ountogri, e tem cerca de 90 centímetros a um metro e 20 de altura. É tocado com uma das mãos nua, a outra empunhando uma vareta de madeira, a *baguette Guinée*, que pode ser reta, ter a forma de um malho ou mesmo outro feitio. O tambor do meio, Second, Moyen, Grondé ou Ountogui, mede cerca de 60 centímetros, é em geral tocado com uma das mãos nua, enquanto a outra utiliza uma vareta de madeira, reta ou curva, embora às vezes sejam usadas duas varetas. O tambor menor, Boulah, Bébé, Pitit ou Ountogni, mede de 40 a 45 centímetros e é tocado com duas varetas leves e retas. O poderoso e sonoro Manman domina a orquestra, sendo-lhe atribuído o poder de induzir transes ou de expulsar uma divindade. É tocado somente pelos melhores tamboristas, que em geral o inclinam ligeiramente em ângulo e o sustentam com uma corda passada em volta de uma das pernas. O Boulah, tocado de forma contínua, tem um som um tanto abafado, enquanto o Second cobre um diapasão médio, com maiores variações rítmicas do que o Boulah. Os tambores Radá são ligeiramente cônicos, bem

proporcionados e feitos de troncos de diversas madeiras, preferivelmente mogno, escavados a fogo lento e por ferramentas de corte. A cabeça do tambor é coberta com couro de boi, mantido no lugar e esticado por pinos de madeira e cordas. O estilo dos tambores Radá varia de região a região; alguns são ricamente decorados com pinturas, outros têm as bases talhadas em formas geométricas. (Ver Courlander, 1960:189-194).

### XIII *ERZULIE-FRÉDA-DAHOMÉY*

Em contraste com os outros corações de Erzulie, este representa uma Erzulie sofredora, seu coração traspassado por uma grande espada. O *vèvè* é um bom exemplo do sincretismo vodú, pois inclui uma mistura de signos inspirados em motivos patrióticos, católico-romanos e maçônicos. Os *vèvès* de Erzulie traçados em cerimônias Petrô e o *vèvè* de Erzulie-Dantor assemelham-se ao da presente ilustração.

### XIV *MILO-CAN, VÈVÈ DE VÁRIOS LOA*

Os deuses descem até o peristilo pelo *poteau-mitan* decorado e manifestam-se em torno dos oito eixos. Estão representados, a partir da parte superior, na direção dos ponteiros, por ordem:

- 1 — *Papá Elegbá*. Um cetro, à direita da interseção, substitui o tradicional bordão ou muleta, para proclamá-lo, não apenas a mais velha das divindades, mas também a mais importante. Senhor das Encruzilhadas, presidindo sobre a vida e a fertilidade, as cruzes e órbitas significam a primazia de Elegbá sobre o universo dos mistérios do vodú.
- 2 — *Ayizan Velequetê*. Ao lado do marido Elegbá, a velha loa do exorcismo e da palmeira real.
- 3 — *Os Deuses-Serpente*. Damballah e Ayida-Wédo, circundados por signos astrais masculinos e femininos. Entre os deuses, a árvore da vida.

- 4 — *Imamou, a barca de Agüê*. Veleja em direção a Lanzilet, a ilha debaixo das águas, transportando as oferendas feitas ao deus do mar.
- 5 — *Ogum Badagris*. Chefe da família dos Ogum, uma das mais numerosas do culto do vodu haitiano, Badagris é o deus da guerra, do fogo e do trovão. Pai de Ogum Ferraille, grande general e mestre ferreiro, com o qual compartilha muitos dos seus atributos, o *vèvè* de Ogum Badagris é a tradicional grade de ferro.
- 6 — *Coração de Erzulie*. A deusa do amor está aqui representada por um *vèvè* particularmente gracioso.
- 7 — *Guedê-Nibô*. Um caixão e as ferramentas de coveiro: três pás, três picaretas e três alavancas (substituídas por três falos significando vida) são a marca distintiva da tribo dos Guedês. Guedê é uma divindade ao mesmo tempo da vida e da morte. “Os mortos e os vivos são meus filhos”, diz o *loa*. As três gamelas ou cumbucas que figuram no *vèvè* representam o tambor *maringouin*, espécie de berimbau, instrumento muito simples que é tocado enquanto os Guedês dançam a *banda*. As três cruzes que encimam o desenho e outras sobre o ataúde recordam à assistência que a morte é inevitável para todos.
- 8 — *Baron Samedi*. Um túmulo, uma cruz, uma caveira e duas tíbias cruzadas simbolizam Baron Samedi, chefe do clã dos Guedês e Senhor dos Cemitérios. O *vèvè*, rodeado de cruzes, significa morte certa.

## XV

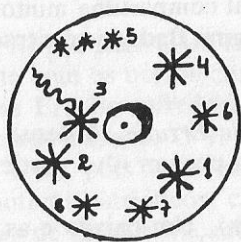
### ERZULIE, RAINHA DO CÉU E DA TERRA

Ao redor de um triplo coração de Erzulie, os deuses-serpente Damballah e Ayida-Wédo unem a terra aos céus formando um arco-íris, “o caminho das sete cores”. Um dos corações de Erzulie pertence a seu marido, Ogum Badagris, o deus da guerra, outro a Damballah, seu amante, que é casado com Ayida-Wédo, e outro ainda a Agüê, o

Netuno vodú. No *vèvè*, a longa cauda de Ayida, tocando o mar, simboliza o seu grande amor por Agüê. Os signos denotam o caráter divino-humano dos *loa*, e sua paixão pelos prazeres da carne.

## XVI MISTÉRIOS

Os *loa* e seus poderes mágicos gravitando em torno do pilar central:



- 1 — *Agüê*, o deus do mar.
- 2 — *Ogum Badagris*, o deus da guerra.
- 3 — *Hévioso*, senhor do raio e do trovão.
- 4 — *Erzulie*, a deusa do amor, beleza e fortuna.
- 5 — Os *Gêmeos Marassá*. Possuidores de um elemento andrógino catalítico, os Gêmeos Divinos intervêm para evitar o dualismo macho/fêmea, formando assim a tríade *Marassa-Dossou-Dossa*. Dossou é o filho, Dossá, a filha, nascidos logo após os gêmeos Marassá.
- 6 — *Lokô-Atissô*, guardião dos santuários, mestre do sistema solar e protetor dos curandeiros.
- 7 — *Papá Elegbá*. Preside o universo dos mistérios vodú e abre os portais da vida eterna.
- 8 — *Ayizan Velequetê*, mulher de Elegbá, a deusa do exorcismo, protetora e instrutora dos noviços.

## XVII AYIZAN, PROTETORA DOS NOVIÇOS

Entre a vida e a morte, simbolizadas por pontos e cruzes, o corpo do neófito (representado no *vèvè* pela sua caixa torácica) experimenta primeiro uma queda e depois uma elevação de todas as suas faculdades. Ayizan ampara-o e

conforta-o durante o ritual de iniciação com a sua sabedoria e luz eterna (estrelas). A deusa dá proteção adicional ao noviço quando, ao terminar o ciclo de iniciação, são atadas ao seu chapéu as folhas desfiadas da palmeira-real, sua árvore favorita, formando uma cortina protetora contra o mal. (Cf. Rigaud, 1958:208; Métraux, 1972:196)

## CONTRACAPA

### *GRAND-BOIS-ILET*

Esta divindade reina como Senhor de Lanzilet, a morada dos deuses, ilha sagrada sob as águas, e sobre seus campos, florestas, cidades e aldeias. Lanzilet, Zilet ou Ilet, pátria dos ancestrais, reino do panteão vodou, é miticamente situada ou na costa ocidental da África ou junto às ilhas Arcadins, no Haiti. A divindade Gran-Bois-Ilet surgiu nas florestas da Guiné e é venerada como um dos *loa-racine*, ou deuses-raiz. Na região de Anse-à-Veau, no Haiti, Mait'Grand-Bois é considerado o mais poderoso dos deuses, senhor do destino e da fortuna dos homens.



## GLOSSÁRIO

- abilolo* — Exclamação ritual com que geralmente termina um canto dirigido aos orixás, ou que o interrompe, no rito Petrô; às vezes utilizado em outros ritos.
- abobo* — O mesmo que *abilolo*, no rito Radá.
- acaçá* — *Akasan* em *créole*, bebida ou mingau de fubá ou farinha de arroz e leite.
- agoé* — Exclamação ritual que significa atenção.
- Agüê, Agoué, Agwé* — O deus do mar, um dos maridos de Erzulie. A barca de Agüê, *Imamou*, transporta as almas dos mortos para o outro mundo.
- Ajuda* — Cidade da Nigéria, importante centro religioso dedicado a Dangbé, o deus-serpente.
- aluá* — Refresco feito com cascas de abacaxi.
- alujá* — Toque que anuncia a chegada de Xangô nas cerimônias.

- Anaconda — Serpente aquática de grandes dimensões.
- Angola — Uma das “nações” do vodou haitiano. País africano.
- Anse-à-Veau — Pequena cidade no sul do Haiti onde o *loa* Grand-Bois-Ilet é especialmente venerado.
- Arada, Allada — Povo da costa ocidental da África, do grupo jeje.
- arbre-reposoir* — *Ver* reposoir.
- Arcadins — Grupo de ilhotas próximas à costa ocidental do Haiti. Lanzilet, a ilha mítica debaixo do mar, morada dos deuses vodou, é colocada ou na costa africana ou junto às Arcadins.
- Artibonite — O maior rio do Haiti.
- Aruaque — Nome dado a diversas tribos de índios da parte setentrional da América do Sul e um dos principais grupos do Caribe quando da chegada dos europeus. Pertenciam à mesma família lingüística, possuíam uma agricultura relativamente avançada e eram os navegadores do mar das Antilhas. De índole pacífica, foram expulsos de várias ilhas pelos aguerridos Caribes.
- Ashadé — *Loa* da família dos Ogum, considerado um feiticeiro e curandeiro muito poderoso.
- assen, assein* — Suporte de ferro, por vezes antropomórfico, encimado por uma peça arredondada sobre a qual é colocada uma vela. Não deve ser confundido com o *asson*, chocalho feito de uma cabaça.

- assogwé* — Rede feita com vértebras de cobras e contas que cobre o *asson*.
- asson* — Cabaça usada pelo *houngan* ou pela *mambo* durante as cerimônias, coberto por uma rede frouxa de contas coloridas e por vértebras de cobra, o *assogwé*, que dá ao instrumento o seu som característico.
- Atibon-Legba — Senhor das encruzilhadas e guardião dos portais. Sem permissão de Elegbá, ninguém pode se comunicar com os deuses.
- atayayo* — *Occimum gratissimum*. Também chamado *grand-basilique*. Manjerição cheiroso. Erva aromática com propriedades medicinais, usada na lavagem ritual das cabeças.
- awessan, agwessan, agouessan* — Faixa ou cinta, em seda ou outro tecido, usada pelos iniciandos durante as cerimônias.
- axés* — Objetos usados no culto, dotados de poderes mágicos. Poder.
- Ayida-Wédo, Ayda-Ouédo — Uma das divindades mais importantes do vodu haitiano, de origem daomeana. Mulher de Damballah-Wédo, o deus-serpente.
- Ayizan-Vélékété, Ayizan Velequetê — Mulher de Elegbá, *loa* exorcista e purificadora, protege e instrui os noviços. Guardiã dos caminhos, mercados e lugares públicos. Representada por um ramo de palmeira ou por uma coroa de flores de loureiro branco.
- Azaka, Zaca, Cousin Zacca — *Loa* vodu, um dos protetores da agricultura. É considerado um simplório que leva sempre consigo uma sacola de fi-

bras trançadas (*macoute*), uma foice e um facão. Azacá é um dos orixás mais populares e um dos que mais freqüentemente “baixam” durante as cerimônias.

Baba, Ogoun Baba — Divindade secundária da família dos Ogum.

Badagris, Ogoun Badagris — Geralmente considerado o mais importante membro da família dos Ogum no Haiti, é por vezes chamado de Mestre Ogum, embora certos vodúístas dêem essa preeminência a Ogoun Ferraille, ou Ogum Ferreiro. Outros ainda consideram Xangô, uma divindade ioruba, como sendo o verdadeiro Mestre Ogum. Ogoun Badagris é o deus da guerra e um dos maridos de Erzulie. Seu nome vem da cidade de Badagris, próxima à foz do rio Ogum, na Nigéria.

*baguette Guinée* — Vareta de forma especial usada para bater os tambores.

baixar — Diz-se que um espírito “baixa” ou “monta” uma pessoa, nem sempre um crente, quando a possui, quando se manifesta através dela. O comportamento, atitudes, até a maneira de falar do “cavalo” alteram-se, conformando-se com a personalidade do orixá.

Baka — Espírito do mal, diabo.

Balindjo, Ogoun Balindjo — Divindade marinha da família dos Ogum, braço direito de Agüê.

*banda* — Dança muito alegre e libidinosa na qual os dançarinos simulam o ato da cópula. É a

- dança favorita dos Guedês e de Azaká. Pronuncia-se *bandá*.
- Barbancourt** — Rum haitiano de excelente qualidade.
- Baron Samedi** — Principal *loa* da família dos Guedês, deus da morte, senhor dos túmulos e dos cemitérios. É representado por um velho de longas barbas brancas, que usa casaca preta, chapéu alto, luvas e óculos escuros, carregando sempre consigo uma garrafa de rum e um pesado cacete, o *cocomacaque*.
- Bayè, Ogoun Bayè** — *Loa* secundário da família dos Ogum, guardião de portões e cancelas.
- Bébé** — *Ver* Boulah.
- Benim** — Antigo reino africano que floresceu do século XV ao XVII.
- Biscornet** — Diabo ao qual a lenda atribui a feitura das velhas portas de ferro da catedral de Notre Dame, em Paris.
- Bolada** — “Os bons filhos dos Alladá” (Cf. Jacques Roumain, 1943:12).
- Boulah** — O menor dos tambores da bateria Radá, também chamado Bébé, Pitit, Ountogni.
- Boulé-Zin, Bruler-Zin** — “Queima dos Potes”. Uma das mais importantes cerimônias vodu, parte integrante dos ritos de iniciação. Em outras ocasiões, e para outros fins, também são realizadas cerimônias *Boulé-Zin*; por exemplo, o *Boulé-Zin* dos mortos. *Ver* Zin.

- cabrito sem cornos — Ser humano. Vítima ou pessoa destinada ao sacrifício por uma das seitas rubras.
- cavalo — *chwal, choual, cheval*. Diz-se de uma pessoa “montada” ou possuída por um *loa* ou espírito.
- Chémin dès Sèt Koulè, Chemin des Sept Couleurs* — O Caminho das Sete Cores, o arco-íris.
- chica* — Dança semelhante à *banda*. Pronuncia-se *chicá*.
- clairin* — Cachaça de baixa qualidade.
- Costa — A costa da África. O continente africano.
- Coco-macaque, Koko-makake* — Cacete feito de madeira pesada, usado por Baron Samedi. Nome também dado aos cacetes utilizados em tempos idos pelos policiais haitianos.
- Confiance — O principal auxiliar do Houngan, em geral preparando-se para o sacerdócio vodu.
- Congo, Kongo — Importante rito vodu, hoje praticamente superado pelo rito Petrô. Uma das “nações” do vodu haitiano. Antigo nome do Zaire. Tipo de tambor.
- “correr” os *zins* — Dar a volta em torno dos *zins*, ou potes rituais, ora em um sentido, ora no outro, durante a cerimônia do *Boulé-Zin*.
- couché, kouché, couché houngno* — Literalmente, deitar. Morte simbólica, parte do ciclo de iniciação. Deitados em uma cela, o *djévo*, os noviços, vestidos de branco, passam sete dias em retiro jejuando, rezando e recebendo instrução religiosa. Após o *couché*, os

*houngno* passam pela prova do fogo, assim renascendo e tornando-se *kanzo*.

Crête, Crête-à-Pierrot — Morro no norte do país onde se deu uma das mais importantes batalhas da Guerra da Independência do Haiti.

Dahomey, Dahomé, Dahomin — Uma das “nações” do vodu haitiano. País africano, hoje Benim.

Damballah-Wédo, Damballah, Dambhalah — Uma das mais importantes divindades, mistérios ou *loas* do vodu haitiano. Corresponde ao Dangbé daomeano, e é representado por uma serpente.

Dangbé — Deus-serpente, cultuado no Daomé e em parte da Nigéria e regiões vizinhas, representado por um píton. O principal templo de Dangbé fica em Ajuda, na Nigéria.

*dangbesi* — Sacerdotisa a serviço de Dangbé.

Descida dos Colares — Cerimônia complementar aos ritos de iniciação, realizada 41 dias depois do *Boulé-Zin*. Após a descida, os colares usados pelos noviços por ocasião da iniciação são entregues ao *houngan* ou à *mambo* para serem guardados no templo.

Dior — Ver *Prière Dior*.

Dis — Cidade murada situada no inferno de Dante.

*djévo*, *guévo* — Cella onde permanecem os iniciados durante o período de iniciação até se tornarem *kanzo*.

*dobas* — Variedade da dança *yanvalou*.

- Dossa* — Menina que nasce após os Gêmeos Marassá.
- Dossou* — Menino que nasce após os Gêmeos Marassá.
- Erzulie, Ezili, Erzulih, Azulih — Uma das principais divindades do vodú haitiano, a Afrodite vodú. Existem diversas Erzulies, com atributos e características distintas, mas a *loa* do poema é Erzulie-Fréda-Dahomey, a deusa do amor.
- farine de Guinée* — Literalmente, “farinha da Guiné”. Cinza de madeira peneirada, usada para traçar os *vèvès*, ou pontos riscados, no chão do terreiro.
- Fer — Abreviação de Ferraille, ou Ogoun Ferraille, um dos principais *loas* da família dos Ogum. Harold Courlander afirma que Fer é um orixá totalmente diferente, mas não conseguimos obter confirmação, nem em outros autores, nem consultando especialistas haitianos.
- Ferraille — Ver Ogoun Ferraille.
- Folhas dos Bosques — *Fè nan Bwa (Feuilles des Bois)*. Iaôs, *hounsis*.
- Fon* — Povo africano do Daomé e Togo que exerceu influência preponderante sobre o culto do vodú haitiano e sobre a sua linguagem ritual.
- Fongbé* — A língua do povo Fon, na África Ocidental, um ramo do Ewe, o qual por sua vez pertence à família lingüística Kwa.

- gud* — Amuleto usado como proteção contra a feitiçaria e espíritos do mal. Poder que um iniciado possui, derivado do orixá que preside à sua cabeça.
- Ghana, Gana — Antigo reino situado na costa ocidental da África e que floresceu entre os séculos VI e XIII. País africano.
- gamelle* — Tigela, geralmente de madeira.
- gangan* — O mesmo que *houngan*, diminutivo afetuosos.
- Géléfré — Palavra que significa África.
- gonfaloneira — Porta-estandarte.
- godrine* — Bebida feita de cascas de abacaxi fermentadas. O mesmo que aluá.
- govi* — Jarro contendo um *loa* ou espírito e que é guardado no *houmfort*.
- Grand-Bois-Ilet — Divindade vodou, guardião da “ilha debaixo das águas”, Lanzilet, venerado especialmente em Anse-à-Veau, no sul do Haiti.
- gran moun* — Pessoa importante, grande homem. Espírito sagrado.
- Quedê, Gédé — Família de *loas*, deuses da morte, senhores dos túmulos e dos cemitérios, sinistros e alegres ao mesmo tempo, cujas brincadeiras são essencialmente indecorosas e cuja linguagem crua se refere sempre aos atos e órgãos sexuais. Sua presença é caracterizada por uma dança lúbrica, a *banda*. Têm aparência repugnante, vestem-se

- andrajosamente, põem chumaços de algodão nos ouvidos e narinas e falam, com voz nasalada.
- Guedê-Nibo** — Um dos mais importantes orixás da família Guedê. Ver Guedê-Nibô, Ilustração XIV, 7.
- Guinée, Guinin, Lan-Guinin** — Guiné. A África em geral, no vodu haitiano.
- Haussement** — Primeiro passo dos ritos de iniciação. Cerimônia pela qual o candidato é admitido em uma sociedade vodu ou em um templo ou *houmfort*.
- Hévioso, Héviosou, Kébioso, Québiosou** — Divindade de origem daomeana, senhor do raio e do trovão. No Haiti, Héviooso tem papel relativamente secundário, enquanto no Daomé é uma das divindades mais importantes, o chefe do panteão do trovão.
- hougno, hugno, ougno** — Noviço do culto vodu que atingiu a fase final da iniciação.
- houmfort, hounfor, oum'phor** — Templo vodu, terreiro. Ver *tonnellé*.
- houngan, hougan, hougoun** — Sacerdote do culto vodu. Do africano *n'gan, n'ganga, moganga*.
- houngénikon** — Chefe do coro vodu, em geral mulher, também chamada *reine-chanterelle*, a iaô que puxa o coro.
- hounsi, hunsi, ounsi** — Iaô. Membro do coro vodu. Iniciado ou iniciada que participa das cerimônias e auxilia o *houngan* ou a *mambo*.

- hounsi-bossale* — Noviço ou noviça que não terminou ainda a iniciação, que não passou pela prova do fogo. Significa indomado, ignorante, estúpido. Do espanhol *bossal*.
- hounsi-kanzo* — Ver *kanzo*.
- Ibo — Uma das “nações” do vodu haitiano. Povo do sul da Nigéria.
- Ifé — A cidade sagrada do vodu, na Nigéria.
- Ifé-aux-Camps — Cidade mítica que a tradição situa na região noroeste do Haiti.
- Imamou, Immamou* — A barca de Agüê, o deus do mar.
- imbaúba, embaúba, umbaúba — Árvore do gênero *Cecropia*, de grandes folhas prateadas.
- kanzo, canzo, hounsi-kanzo* — O segundo grau de iniciação do culto vodu. Iniciado que passou pela prova do fogo. Pronuncia-se *kanzô*.
- Kimalada — “A Família dos Alladá” ou Aradá (Cf. Jules Roumain, 1943:12).
- koton soua, coton soie, mapou* — *Bombaceae Ceiba Pentanda*. Paineira. Árvore das florestas haitianas utilizada na fabricação de canoas.
- koua, croix* — Cruz, usada como amuleto contra os espíritos do mal, feitiçarias, etc.
- kouché-hougno* — Ver *couché*.
- Lan-Guinin — Ver Guinée.
- langage* — A linguagem ritual usada no vodu, um misto de palavras africanas, *créoles* e

francesas. A linguagem dos ancestrais africanos do povo haitiano.

- Lanzilet — Ilha mítica debaixo do mar, ao largo da costa africana, morada das divindades vodu. Os haitianos a situam também junto às ilhas Arcadin, a oeste do país.
- Laplace — Mestre-de-cerimônias, um dos mais importantes auxiliares do sacerdote ou sacerdotisa vodu. Em geral, é um candidato ao sacerdócio.
- La Selle — A mais alta montanha do Haiti, no sul do país.
- Lavé-Tèt — *Laver-tête*. Lavagem ritual da cabeça do iniciado.
- Legba — Elegbá. Exu. Uma das mais importantes divindades do vodu haitiano, a primeira a ser invocada ao iniciar-se uma cerimônia. Guardião dos portais e das barreiras do mundo dos espíritos, guardião e protetor dos caminhos e encruzilhadas, intermediário entre os homens e os deuses, Elegbá é de origem daomeana. No Daomé e Nigéria, é o mensageiro divino, o filho mais jovem de Mawu e Lisah, simbolizado por um falo.
- Lévé-Nom — Cerimônia que consiste em dar ao iniciado o nome de um ancestral que se tornou *loa*.
- Lisah, Lisa — Mulher de Mawu. Na cosmologia daomeana, são os deuses supremos, criadores do universo. Não são objetos de culto no vodu haitiano, embora seus nomes figurem em orações, invocações, etc.

- loa* — Divindade, mistério ou espírito vodu. Palavra de origem daomeana, equivale ao orixá ioruba. No Haiti, conforme a região, é chamado também de *mystère*, *ange* ou *zange* (anjo).
- loa mèt-tèt* — Orixá que controla a cabeça de um iniciado.
- lobo — O demônio.
- Loko, Loko-Atissou — Divindade africana de origem daomeana. No Daomé, Loko é uma das divindades do panteão celeste, filho de Mawu e de Lisah. No Haiti, Loko-Atissou é o deus das florestas e das árvores, protetor dos templos e dos altares. É a *loa* dos curandeiros.
- lutin* — Fantasma de uma criança que morreu sem ser batizada e que percorre a noite montada em poldros selvagens.
- mahi* — Dança usada em cerimônias vodu, rápida e enérgica, exigindo grande esforço dos seus executantes. Do povo Mahi, da Nigéria ocidental.
- malanga* — Pênis. Mandioca.
- maldioque, maldyok* — Colares longos usados pelos iniciados durante as cerimônias para protegê-los contra o mau-olhado. Do italiano *maldiochio*.
- Mali — País africano, ao sul do Saara. Poderoso império que floresceu na África, dos séculos XIII a XV, e que alcançou alto grau de civilização.

- mamba* — Manteiga de amendoim, fabricada à maneira rural.
- mambo, mam'bo* — Sacerdotisa vodu. A palavra, de origem ioruba, é usada tanto na África quanto no Haiti.
- mangé-sec* — Literalmente, comida seca. Oferenda feita aos deuses e que consiste em grãos, frutas, raízes comestíveis, nozes, etc.
- Mangé-Tèt* — “Dar de comer à cabeça”. Cerimônia na qual são oferecidos alimentos ao *loa* protetor do iniciado.
- Manman* — O maior dos tambores da bateria Radá, também chamado Ountor e Ountogri.
- Manman-Hougno* — Uma das assistentes do *houngan* ou da *mambo*, que ajuda o noviço durante a iniciação quando este está confinado na cela, e que é responsável pela disciplina do *djé-vo*.
- mapou* — Ver *koton-soua*.
- Marassa* — Os Gêmeos Divinos. Espíritos que desempenham papel muito importante na crença religiosa haitiana. (Ver referência à p. 140.) Divindades identificadas com os santos Cosme e Damião.
- marmite* — Marmita. Lata usada como prato.
- Mawu* — Principal divindade daomeana, a qual, com sua mulher Lisah, criou o universo.
- Mété M'Anme* — Cerimônia destinada a manter em equilíbrio as duas almas que o vodu atribui ao ser humano.

- mitan, poteau-mitan* — Poste situado no centro do peristilo ou *tonelle* de um templo vodu, em torno do qual são realizadas as danças e demais cerimônias rituais. O *poteau* é a via dos espíritos, o caminho por eles utilizado para baixar à terra e regressar aos céus.
- mombin* — *Spondia dulcis*. Anacardiácea de propriedades medicinais. Suas folhas são usadas nas cerimônias do culto vodu e na lavagem da cabeça dos iniciados.
- Mondongue* — Família de *loas*, conhecida por sua crueldade. Povo da África Ocidental.
- montaria* — O mesmo que cavalo. Pessoa “montada” ou possuída por uma divindade vodu.
- mistério* — *Ver loa*.
- Nagô* — “Nação” do vodu haitiano. Um dos ritos vodu, hoje secundário no Haiti, mas ainda extremamente importante na África, no Brasil e em Cuba. Povo africano.
- nanchon* — Literalmente, nação. No Haiti, a expressão cobre ritos (Radá, Petrô, Congo, Zandor, etc.), bem como povos ou tribos africanas.
- Níger* — Um dos maiores rios da África. País africano.
- ogan* — Sino de metal usado nas danças e cerimônias do culto, soado com uma vareta metálica. Nas comunidades mais pobres, é usada em seu lugar qualquer peça de metal, até mesmo a lâmina de uma enxada.

- Ogum, Ogoun, Ogun — Poderoso clã de divindades. Prenome de qualquer *loa* dessa família: Ogoun Badagris, Ogoun Ferraille, Ogoun Balindjo, etc.
- Ogoun Badagris — Originalmente uma divindade Nagô, adotada pelos Aradá. Deus da guerra e do relâmpago. Mestre ferreiro. *Ver* Badagris.
- Ogoun Ferraille — Outra poderosa divindade do vodu haitiano, identificada com São Jorge. Segundo Louis Maximilien, Ogum Ferreiro é filho de Badagris e amante de sua madrastra, Erzulie.
- Ogoun Panama — *Loa* da família dos Ogum do Haiti, protetor dos palmeirais. Usa um chapéu de abas muito largas, tecido de folhas de palmeira.
- Olisha — Um dos Ogum, conhecido por seu mau humor e crueldade.
- Ossangué, Ossangoué, Ossangwé — Divindade do clã Ogum, a quem são atribuídas curas milagrosas.
- Ountogni — *Ver* Boulah.
- Ountogui — *Ver* Second.
- Ountor, Hountor — *Ver* Manman. —
- Oydah, Ouida Whyda, Jida, Ajuda — Cidade da Nigéria, importante centro religioso dedicado a Dangbê, o deus-serpente.
- palma-crísti — *Ricinus communis*. Mamona.

- Panama — *Ver* Ogoun Panama.
- Papa Houngan — *Ver* houngan.
- pé, *kpé* — Altar de um templo vodu.
- pedra de raio — Fragmento de meteorito ou de ferramenta neolítica, dotado de poderes sobrenaturais.
- Pè-Savann, Père-Savanne* — Pessoa que, sem ser um sacerdote, participa das cerimônias do culto vodu, lendo ou recitando textos e orações católicas.
- Petrô — Rito vodu superado em importância no Haiti apenas pelo Radá. Segundo a tradição, foi fundado na ilha durante os primeiros anos do domínio francês por um certo Dom Pedro, antigo escravo de uma das colônias espanholas. *Houngan* dotado de poderes extraordinários, com o tempo transformou-se em *loa*. Embora mais violento, mais agressivo, não é correto associar o rito Petrô a práticas maléficas, classificando-o de “mau” em contraste com o “bom” rito Radá. O rito Petrô tem afinidades com o rito Congo.
- pistache* — Amendoim, em *créole* haitiano.
- pistache-mamba* — Manteiga de amendoim fabricada conforme o método rural haitiano.
- Pitit — *Ver* Boulah. Significa também pequeno, filho.
- pot-kanzo, pot-tèt* — Jarro que contém aparas de unhas e cabelos de diversas partes do corpo do inicia-

do, bem como os remanescentes das matérias usadas no *Lavé-Tèt*.

- poteau-cabesse* — *Ver mitan.*
- poteau-mitan* — *Ver mitan.*
- pouin, point* — Literalmente, ponto. Grau de poder místico. O *houngan* ou *mambo* o utiliza para exorcizar, chamar os *loas*, etc.
- Prière Dior* — Prece ou litania em que tanto santos católicos quanto divindades voduescas são invocados. É quase toda recitada em *créole*, com palavras em *langage*. É precedida pela *Prière Guinée*.
- Prière Guinée* — Longa oração ou litania que precede a prece *Dior*, na qual são recitados padrenossos, ave-marias, credos e salmos, sendo ainda invocados santos católicos. Quase toda dita em *créole*.
- Québioso — *Ver Hévio.*
- Radá — Principal rito do vodu haitiano, de origem daomeana, mas com fortes influências de cultos nigerianos (Nagô, Mahi), dos quais foram assimiladas algumas divindades, parte do ritual e danças. Como assinala Alfred Métraux, divindades congolezas e sudanesas também figuram em cerimônias Radá, mas sua importância é secundária e não são objeto do mesmo grau de veneração por parte dos adeptos do vodu. A palavra Radá vem de Allada, cidade do antigo reino do Daomé.
- Rará — Grande festa rural celebrada na Páscoa. Segundo Herskovits, as danças Rará são executadas exclusivamente nessa ocasião.

- reposoir* — Árvore ou qualquer outro lugar de repouso escolhido pelos espíritos vodu como sua morada terrestre.
- sambenito — Hábito que os condenados à fogueira usavam no auto-da-fé.
- Samedi — *Ver* Baron Samedi.
- Saut-d'Eau — Queda de água situada ao norte de Port-au-Prince, capital do Haiti. Um dos mais sagrados locais do culto, onde, no mês de junho, se realizam grandes festividades que atraem multidões de peregrinos.
- Saut-Mathurin — Queda de água no sul do Haiti, também local de peregrinação, mas não tão famoso ou tão procurado quanto Saut-d'Eau.
- Second — Segundo. O tambor médio da bateria Radá, também chamado Moyen, Grondé ou Ountogui.
- seitas rubras — *Sectes rouges*. Sociedades secretas dadas à magia negra e a sacrifícios humanos, não reconhecidas como seitas vodu, cuja existência é hoje posta em dúvida. Dentre outros, têm os seguintes nomes: Bisago (ilhas ao largo da antiga Guiné portuguesa), Cabrit Thomazo (Cabrito Tomás), Cochons Gris (Porcos Cinzentos), Cochons sanç Poils (Porcos Pelados), Vlinblindingues.
- Sénégal, Sinigal — Família de divindades do vodu haitiano. *Nanchon*, ou "nação", desse culto. País africano.
- Shango — *Ver* Xangô.

- Simbi** — Família de divindades das quais a mais importante é Simbi Dleau, protetor das nascentes, cursos de água, lagos e poços.
- sobagui, bagui* — Uma das câmaras do templo, onde fica o altar de uma divindade ou de uma família de *loas*.
- Somorné** — Lugar de culto na cidade de Ajuda, Nigéria, onde existia uma alameda de árvores consagrada a Dangbé, o deus-serpente.
- Songhai** — Antigo reino africano que floresceu no século XV e que se estendia da Gâmbia ao interior da África e ao sul do Saara.
- tambor maringouin* — Instrumento musical muito simples que consiste numa caixa de ressonância de madeira, ou mesmo uma lata, enterrada no chão, atravessada por uma corda de fibra vegetal, ou um barbante, que, vibrados, produzem notas musicais. É o instrumento usado durante a *banda*, dança dos Guedês. Semelhante ao berimbau.
- taureau, toro* — Touro. Divindade do rito Petrô, por vezes admitida em cerimônias Radá. Taureau Petrô é um *loa* extremamente violento.
- ti-bon-ange, petit-bon-ange* — Conforme as crenças haitianas, cada indivíduo possui duas almas, o *ti-bon-ange* e o *gros-bon-ange*. Aproximadamente, no sentido cristão, o primeiro seria a alma, o anjo protetor, a consciência. Ao segundo é atribuído o poder de controlar os atos do indivíduo, seus pensamentos e desejos. Convém, todavia, assinalar que tanto os crentes quanto os estudiosos do vodu divergem quanto aos

atributos e poderes do *ti-bon-ange* e do *gros-bon-ange*.

- tonnelle, péristyle* — Peristilo, parte principal do *houmfor* ou templo, onde se realizam as cerimônias do culto vodu. É em geral uma estrutura simples, com postes, pilastras ou troncos retos suportando um teto de zinco, folhas de palmeira ou outro tipo de cobertura vegetal. No centro da *tonnelle*, ou peristilo, um pilar central, o *poteau-mitan*, ao redor do qual se manifestam os *loa*, ou espíritos.
- vèvè, vever, vevey* — O “ponto riscado” do vodu haitiano. Parte essencial do ritual, o *vèvè*, com a invocação, os cantos e os toques de tambor, tem por função chamar a divindade, para que esta se manifeste. No início de cada cerimônia, o sacerdote, após soprar fubá ou farinha de trigo em direção aos quatro pontos cardeais, invoca a divindade escolhida e começa a desenhar o seu *vèvè*, com o material e as cores dela preferidos, usando apenas o polegar e o indicador para espalhar o pó, contido em uma game-la, enquanto o coro entoava os cânticos apropriados. Muitos *houngans* e *mambos* gozam de grande fama pela sua habilidade em traçar *vèvès* (*tirer farine*). Uma vez começado, o traço não deve jamais ser corrigido nem apagado e refeito.
- Vlinblindingue — Uma das “seitas rubras” do vodu haitiano.
- Vodu, vodou, vaudou, vaudoux, vudu, voudou, voodoo* — Da palavra daomeana *vodun*, significando deus, espírito. Melville J. Herskovits define o vodu como “um complexo de cren-

ças e de ritual africano, que governa em grande medida a vida religiosa do camponês haitiano” (1971:139). Para Maya Deren, é o conjunto de “princípios metafísicos e de práticas rituais que constitui a religião das massas haitianas” (1935:337). Ver também a definição de Alfred Métraux, na “Introdução”.

- Xangô, Shango — Divindade ioruba, senhor do raio e do trovão, assimilado no Haiti à família dos Ogum.
- yanvalou, yenvalou* — Dança vodu, executada durante várias fases do ritual, que envolve todo o corpo mas que exige um trabalho especial dos ombros e da espinha dorsal, resultando num movimento ondulante que sugere o serpear de uma cobra, ou as ondas do mar. Variedades da mesma dança apresentam diversos graus de dificuldade. No idioma de Ajuda, *yanvalou* quer dizer súplica.
- Yoruba, Ioruba — “Nação”, ou *nanchon*, do vodu haitiano. Povo da Nigéria cuja influência foi preponderante no candomblé e na macumba do Brasil, bem como na *santería* cubana.
- Zancannincan, Kankanninkan — Divindade da família dos Ogum, sanguínário e grande bebedor de rum, patrono dos militares.
- Zandor — Um dos ritos do vodu haitiano. Segundo alguns autores, é uma variante do rito Congo, enquanto outros o associam ao Petrô. A possessão por uma divindade Zandor é em geral violenta e difícil de controlar.

- zange, ange* — Literalmente, os anjos, anjo. O mesmo que *loa* ou *mystère*. O termo é sobretudo usado no norte do Haiti.
- zin* — Pote de barro ou de ferro no qual os alimentos dos deuses são ritualmente preparados. *Ver Boulé-Zin.*
- zozo* — Pênis.

## BIBLIOGRAPHIE

- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 10, p. 10.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 11, p. 11.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 12, p. 12.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 13, p. 13.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 14, p. 14.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 15, p. 15.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 16, p. 16.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 17, p. 17.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 18, p. 18.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 19, p. 19.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 20, p. 20.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 21, p. 21.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 22, p. 22.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 23, p. 23.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 24, p. 24.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 25, p. 25.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 26, p. 26.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 27, p. 27.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 28, p. 28.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 29, p. 29.
- BOULÉ-ZIN, Le mot boulé-zin. *L'Écho des Haïtiens de Paris*, 1921, n.º 30, p. 30.

## BIBLIOGRAFIA

- Alapin, Julien. *Le petit dahoméen*. Cotonou, Les Editions du Benin, 1969.
- Alexis, Gerson. *Lectures en anthropologie haïtienne*. Port-au-Prince, Presses Nationales d'Haiti, 1970.
- . *Vodou et quimbois*. Port-au-Prince, Fardin, 1976.
- Alves Velho, Yvonne Maggie. *Guerra de orixá*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- Apollon, Willy. *Le vaudou*. Paris, Galilée, 1976.
- Aubourg, Michel & Viaud, Leonce. *Cérémonie du rite Petro*. Port-au-Prince, Imprimerie du Commerce.
- Bach, Marcus. *Strange altars*. New York, Bobbs-Merrill, 1952.
- Barret, Leonard. *The sun and the drum*. London, Sangster's, Kingston and Heinemann Books, 1976.
- Bastide, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. 2. v. São Paulo, Pioneira, 1960.
- . *African civilizations in the New World*. London, Harper & Row, 1971.

- Bastide, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- . *O candomblé da Bahia*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional/MEC, 1978.
- Benoit, Max. *Cahier de folklore et de traditions orales d'Haiti*. Port-au-Prince, Agence de Coop. Cult. et Tech., 1970.
- Boucard, Violette Brégar. *Le vodou*. Port-au-Prince, Ateliers Fardin, 1979.
- Brutus, Edner. *Révolution dans Saint-Domingue*. Belgique, Editions du Pantheon.
- Cabrera, Lydia. *El monte Igbo Finda*. Miami, Universal, 1975.
- Carneiro, Edson. *Religiões negras, negros bantos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Mec, 1981.
- Cajun, André. *Louisiana Voodoo*. New Orleans, Harmanson, 1946.
- Courlander, Harold. *Haiti singing*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1939.
- . *The drum and the hoe*. Berkeley, University of California Press, 1960.
- . *Tales of Yoruba gods and heroes*. New York, Crown, 1973.
- . *A treasure of African folklore*. New York, Crown, 1975.
- Craig, John H. *Black Bagdad*. New York, Milton, Balch, 1933.
- Davidson, Basil. *The Negro slave trade*. Boston/Toronto, Little, Brown, 1961.
- Deive, Carlos Esteban. *Vodu y magia en San Domingo*. Santo Domingo, Museu del Hombre Dominicano, 1975.
- Denis, Lorimer. *Quelques aspects de notre folklore musical*. Port-au-Prince, Imprimerie de l'Etat, 1950.
- Depestre, René. *A rainbow for the Christian West*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1977.

- Deren, Maya. *The Voodoo gods*. St. Albans, Paladin, 1975.
- Dorsainvil, J.C. *Vodou et névrose*. Port-au-Prince, Imprimerie la Presse, 1931.
- Drot, Jean-Marie, *Journal de voyage*. Geneva, Skira, 1974.
- Dunham, Katherine. *Journey to Accompong*. New York, Henry Holt, 1946.
- . *Les Danses d'Haiti*. Paris, Pasquelles, 1958.
- . *Island possessed*. Garden City, New York, Doubleday, 1969.
- Duvalier, François. *Elements d'une doctrine*. Port-au-Prince, Presses Nationales d'Haiti, 1968.
- Duvalier, François & Lorimer, Denis. *Extrait des oeuvres ethnographiques*. Port-au-Prince, Imprimerie de l'Etat, 1963.
- Gilford, Henri. *Voodoo, its origin and practice*. New York, Watts, 1970.
- Herskovits, Melville J. & Herskovits, Frances. *Surinam folklore*. New York, Columbia University Press, 1936.
- Herskovits, Melville J. *Dahomey, an ancient West-African kingdom*. New York, J.J. Augustin, 1938.
- . *The myth of the Negro past*. New York, Beacon Press, 1941.
- . *Dahomean narrative*. Evanston, Northwestern University Press, 1958.
- . *Life in a Haitian valley*. New York, Octagon Books, 1964.
- Howard, Thomas. *Black voyage*. Boston/Toronto, Little, Brown, 1971.
- Hurbon, Laennec. *Dieu dans le vaudou haitien*. Paris, Payot, 1972.
- Hurston, Zora. *Tell my horse*. Philadelphia, J. B. Lippincott, 1939.
- Hurston, Zora Neale. *Mules and men*. New York, Harper & Row, 1970.

- Huxley, Francis. *The invisibles*. New York, McGraw-Hill, 1969.
- Jaegerhuber, Werner. *Complaintes haitiennes*. Port-au-Prince, Litho d'Haiti, 1950.
- Kerboull, Jean. *Le vaudou, magie ou religion?* Paris, Robert Laffont, 1973.
- . *Vaudou et pratiques magiques*. Paris, Pierre Belfond, 1977.
- Kevin, Martin. *The complete book of Voodoo*. New York, Putnam, 1972.
- Kyle, Krystos. *Voodoo*. Philadelphia, J. B. Lippincott, 1976.
- Lekis, Lisa. *Dancing gods*. New York, The Scarecrow Press, 1960.
- Leaf, Earl. *Isles of rhythm*. New York, A. S. Barnes, 1948.
- Leyburn, James G. *The Haitian people*. Yale University Press, 1941.
- Loederer, Richard A. *Voodoo fire in Haiti*. Garden City, New York, Double, Doran, 1935.
- Louis-Jean, Antonio. *La crise de possession et la possession dramatique*. Ottawa, Lemeac, 1970.
- Lucas, J. Olumide. *The religion of the Yorubas*. London, C. M. S. Bookshop, 1948.
- Makin, Williams J. *Caribbean nights*. London, Robert Hale, 1939.
- Marcelin, Milo. *Mythologie vodou*. 2.v. Port-au-Prince, Editions Haitiennes, 1949.
- Marcelin, Philippe T. & Marcelin, Pierre. *The beast in the Haitian hills*. New York, Victor Gollancz, 1951.
- Maximilien, Louis. *Le vodou haitien*. Port-au-Prince, Imprimerie de l'Etat, 1945.
- Maxwell, Marina Omowale. *Play Mas and Hounsi kanzo*. Kingston, 1945. Mimeogr.

- Messegue, Maurice. *Ce soir, le diable viendra te prendre*. Paris, Robert Laffont, 1968.
- Métraux, Alfred. *Voodoo in Haiti*. New York, Schocken Books, 1972.
- . *Haiti, la terre, les hommes, les dieux*. Neuchâtel, La Baconnière, 1957.
- Moureau de St. Mery. *Description de la partie française de St. Dominique*. 3.v. Paris, Librairie Larousse, 1958.
- Moura, Clóvis. *Rebeliões da senzala*. São Paulo, Zumbi, 1959.
- Oderigo, Nestor Ortiz. *Macumba, culturas africanas en Brasil*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1976.
- Oriel, Jacques. *Les survivances du totemisme dans le vodou Haitien*. Port-au-Prince, Imprimerie Theodore, 1967.
- Ortiz, Fernando. *La africanía de la música folklórica de Cuba*. La Habana, 1950.
- Parrinder, Geoffrey. *West African religions*. London, The Epworth Press, 1949.
- Paul, Emmanuel. *Panorama du folklore Haitien*. Port-au-Prince, Imprimerie de l'Etat, 1962.
- Planson, Claude. *Vaudou: un initié parle*. Paris, Jean Dullis, 1974.
- . *A la découverte du vaudou*. Paris, Editions de Vecchi, 1979.
- Planson, Claude & Delio, Camille. Le vaudou haitien. In: *Planete*, Paris, n. 29, 1966.
- Planson, Claude & Vannier, François. *Vaudou, voodoo*. Paris, Pierre Horay, 1975.
- Price-Mars, Jean. *Ainsi parla l'oncle*. Ottawa, Lemeac, 1973.
- Puckett, Newbell Niles. *Voodooism*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1972.

- Quinn, Charlotte A. *Mandingo kingdoms of the Senegambia*. Evanston, Northwest University Press, 1972.
- Ramos, Arthur. *As culturas negras do Novo Mundo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.
- . *O negro brasileiro*. São Paulo, 1940.
- Ribeiro, José. *Candomblé no Brasil*. Rio de Janeiro, Espiritualista [s.d.].
- Rigaud, Milo. *Exégèse et catharsis*. Editions de l'An 2000.
- . *La tradition voodoo et le voodoo haïtien*. Paris, Niclaus, 1953.
- . *Secrets of voodoo*. New York, Arco Publishing, 1964.
- . *Vèvè*. New York, French and European Publications, 1974.
- Romain, J. O. *Africanismes haïtiens*. Port-au-Prince, Imprimerie M. Rodriguez, 1978.
- Ronceret, Hubert de. *La sociologie du fait haïtien*. Quebec, Les Presses de l'Université du Quebec, 1979.
- Roumain, Jacques. *Le sacrifice du tambour Assotor*. Port-au-Prince, Imprimerie de l'Etat, 1943.
- . *Les gouverneurs de la rosée*. Paris, Les Editeurs Français Reunis, 1946.
- Salgado, Jean-Marie, O.M.I. *Le culte africain du vodou et les baptisés en Haïti*. Paris, Urbaniana, 1963.
- Seabrook, W.B. *The magic island*. New York, Harcourt, Brace, 1929.
- Simpson, George Eaton. *Religious cults of the Caribbean*. San Juan, University of Porto Rico, 1970.
- St. Clair, David. *Drum & Candle*. New York, Doubleday, 1971.
- Sterlin, Philippe. *Vèvès vodou*. 2.v. Port-au-Prince, Philippe Sterlin, 1954.

- St. John, Spenser. *Haiti or the Black Republic*. New York, Scribner & Welford, 1899.
- Taft, Edna. *A puritan in voodoo-land*. Philadelphia, The Penn Publishing, 1938.
- Torres de Freitas, Byron & Freitas, W. C. de. *Na gira da umbanda e das almas*. Rio de Janeiro, Eco.
- & —————. *Os orixás e o candomblé*. Rio de Janeiro, Eco, 1967.
- Valente, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
- Valles, Max. *Confidences du tambour*. Port-au-Prince, Imprimerie Henri Deschamps, 1969.
- Vandercook, John W. *Black magesty*. New York, Blue Ribbon Books, 1978.
- Verger, Pierre Fatumbi. *Orixás*. São Paulo, Corrupio, 1981.
- Verschueren, J. S. J. *La République d'Haiti*. 3.v. Paris, P. Lethielleus, 1948.
- Williams, Joseph J. *Voodooos and Obeahs*. New York, Dial Press, 1933.
- Williams, Samuel. *Voodoo roads*. Wien, Verlag für Jugend und Volk, 1949.
- Wirkus, Faustin & Dudley, Taney. *The white king of la Gonave*. New York, Doubleday, Doran, 1932.

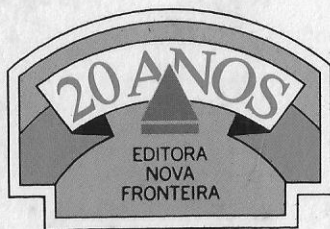
ESTA OBRA FOI COMPOSTA  
PELA ART LINE PRODUÇÕES  
GRÁFICAS LTDA. E IMPRESSA  
NA GUARU ARTES GRÁFICAS  
S.A., PARA A EDITORA NOVA  
FRONTEIRA S.A., EM OUTUBRO  
DE MIL NOVECENTOS E OI-  
TENTA E CINCO

*Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal  
à EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria ANGÉLICA,  
168 — Lagoa — CEP 22461 — Rio de Janeiro*



*Durante longo tempo o vodou foi visto como um rito sinistro. No entanto, trata-se de uma religião de origem africana, fortemente influenciada pelo catolicismo e diversas crenças européias, praticada no Haiti por noventa por cento de sua população. E foi da cultura e da religião desse país que o poeta e embaixador brasileiro A.B.M. Cadaxa retirou a matéria-prima para seu poema Teu corpo é ouro só, em que figuram várias das principais divindades do Olimpo haitiano. Obra de fôlego, destinada, entre outras coisas, a resgatar a riqueza de uma cultura que os piores preconceitos do Ocidente sempre quiseram sepultar, esse longo e expressivo poema nos reenvia a algumas das raízes mais fundamentais que alimentam e sustentam a alma latino-americana.*

Este livro foi editado em regime de co-edição com o Instituto Nacional do Livro e passará a integrar os acervos de todas as bibliotecas públicas, estaduais e municipais, que recebem do INL assistência técnica e bibliográfica por efeito de convênios por ele firmados com Prefeituras Municipais e Secretarias de Estado em todo o território nacional.



## Teu corpo é ouro só

*Durante muito tempo o vodu foi visto como um conjunto de superstições, práticas de feitiçaria e ritos sinistros e somente nos últimos cinqüenta anos passou a ser estudado como fenômeno religioso normal. Religião de raízes africanas, fortemente influenciada pelo catolicismo e outras crenças oriundas do folclore europeu, o vodu é praticado por cerca de noventa por cento do povo haitiano, pois no Haiti encontra a sua mais forte expressão.*

*E foi justamente do Haiti, de sua gente, sua arte, sua literatura, e principalmente da sua forma de religião que o poeta e embaixador brasileiro A.B.M. Cadaxa, profundo conhecedor desse país, retirou a inspiração para realizar Teu corpo é ouro só, cuja matéria-prima são os ritos de iniciação do vodu. E o principal estímulo para compor este trabalho teve origem em textos poéticos escritos por um haitiano praticante do vodu, textos que provavelmente foram concebidos como intróito a um poema que jamais chegou a ser escrito. A beleza, o mistério e a angústia que emanavam desses textos fascinaram Cadaxa, que, ao conhecê-los, resolveu desenvolver o tema num longo poema. Para isso, fez inúmeras viagens ao Haiti,*

*assistiu a cerimônias de culto vodu e realizou extensas pesquisas, inclusive em livros raros pertencentes a colecionadores particulares.*

*Várias das principais divindades do Olimpo do Haiti figuram no poema: Erzulie, deusa do amor; Damballah, o deus-serpente; Elegba-Atibon, divindade que corresponde ao Exu ioruba, guardião dos caminhos; Ayizan-Vélékété, guia e protetora dos iniciados, etc.*

*As ilustrações de Maria Cadaxa representam, em grande parte, vèvès e objetos de culto, sendo que os vèvès são diagramas rituais traçados no chão do terreiro. Equivalem, por sinal, aos pontos riscados do nosso candomblé, mas possuem alto nível artístico e de estilização.*

*A.B.M. Cadaxa é diplomata de carreira e faz parte da editoria da revista inglesa de poesia Envoi. Publicou sete livros de poesia, cinco na Inglaterra e dois no Haiti, e já traduziu poetas brasileiros para o inglês.*